

cadernos da
FEI

Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros

Nº 9 – Dezembro/2006



cadernos da
FEI

CADERNOS DA FEI

Publicação da Fundação Educacional Inaciana
Pe. Sabóia de Medeiros, mantenedora do
Centro Universitário da FEI e dos institutos
a ele associados: IPEI, IECAT e Escola
Técnica São Francisco de Borgia.



Presidente

Pe. Theodoro Paulo Severino Peters, S.J.

Coordenação Editorial

Ayrton Novazzi
Flavio Vieira de Souza

Arte final, diagramação e fotolitos

Cleonice Molina Matos
Lilian Toshiko Leffer
Silvana Vieira Mendes Arruda

Fotos

Jesus Perlop
Marcio Costa
Matheus Fonseca

*Editado no Centro Universitário da FEI,
entidade filiada à*



*Associação Brasileira
das Universidades Comunitárias*

Endereço para correspondência

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
CEP 09850-901 – Bairro Assunção – S.B.Campo – SP
E-mail: iresi_sbc@fei.edu.br

CONTEÚDO

Voz do Presidente

| | |
|---|----|
| Semana de Qualidade | 05 |
| Homilia - Abertura do ano letivo 2006 | 08 |
| Missa de corpo presente do Pe. Roberto Villar, S.J. | 10 |

Aos Homens do meu Tempo

| | |
|------------------------------|----|
| Chegar ao uso da razão | 11 |
| Crença e credulice | 14 |

A Universidade, a Pastoral e o Trabalho Social

| | |
|---|----|
| O papel da universidade | 17 |
| O ensino social cristão e o curso de Engenharia | 21 |
| Pesquisa social no Centro Universitário da FEI | 22 |

Tecnologia da Informação e Educação

| | |
|---|----|
| Humano no centro do mundo | 24 |
| Tecnologias da Informação e da comunicação | 26 |
| A realidade virtual numa cultura computacional | 32 |
| O papel da EaD na melhoria do ensino presencial | 36 |

Comunicação e Expressão e os Contadores de História

| | |
|---|----|
| Tecendo a manhã | 39 |
| Relatório: contadores de histórias da FEI | 42 |

IPEI

| | |
|--|----|
| O IPEI e a integração da FEI às empresas | 44 |
|--|----|

Experimentos

| | |
|---|----|
| Experimento da FEI é aprovado para a estação espacial internacional | 48 |
| Micro-hidrogerador com turbina Pelton de cerâmica | 50 |
| Projetos de formatura | 54 |

Prêmios e Projetos Bem-sucedidos

| | |
|--|----|
| Futebol de robôs | 55 |
| Desafio Sebrae 2005 | 55 |
| FEI vence competição de eficiência energética com carro elétrico | 56 |
| Aluno da FEI destaca-se em concurso de redação | 57 |

Na luz da eternidade

| | |
|-------------------------------------|----|
| Prof. Paulo Renato C. Alt | 59 |
| Dom Luciano Mendes de Almeida | 60 |
| Prof. José Antonio Viotti | 61 |
| Profª Maria Stella Thomazi | 61 |

Visita do Provincial

| | |
|-------------------------------|----|
| Provincial visita a FEI | 62 |
|-------------------------------|----|

Apresentação

Os cadernos chegam à sua nona edição, com a mesma qualidade de números anteriores e perspectivas consistentes.

O Presidente da FEI, Pe. Peters, abre estas páginas com o seu discurso inaugural apontando, com renovado vigor, os caminhos que devemos trilhar para permanecer fiéis à nossa missão. Páginas que se encerram com a carta do Pe. Provincial, efetivamente abordando os passos empreendidos.

Neste número, realçamos a importância da Tecnologia da Informação e Comunicação cada vez mais presente em nossas lides acadêmicas. Privilegia-se aqui o ponto de vista da Igreja, da Federação Internacional das Universidades Católicas, que apóiam os avanços tecnológicos sem esquecer os valores fundamentais humanistas. Neste contexto, é relevante o artigo do Prof. Vagner Barbeta sobre educação a distância, que já vimos desenvolvendo na FEI.

Ainda repercutimos neste número o centenário do Pe. Sabóia com capítulos de seu livro “Aos homens do Meu Tempo”, sempre atual. Seguem a inspiração de nosso instituidor, artigos sobre a face verdadeira da universidade, pastoral, trabalho social, Pesquisa IPEI, bem como os projetos, experimentos, prêmios e atividades de extensão que mais se destacaram.

O ano de 2006 trouxe-nos também perdas sentidas como do Pe. Roberto Villar, conselheiro da Fundação, alguns professores queridos e Dom Luciano, que atuou em momentos iniciais da FEI em São Bernardo do Campo e nos brindou com palestras inesquecíveis. Sejamos perpetuadores de suas obras e cultivemos as sementes que eles souberam plantar.

SEMANA DE QUALIDADE



É sempre com renovada alegria e esperança que participo da Semana de Qualidade com os senhores e senhoras que conformam nossa Comunidade de serviço no Ensino, Pesquisa, Extensão e Espiritualidade. Foi uma grande iniciativa o convite para que todos os participantes a ouçam, questionem, opinem, sugiram, relativizem as idéias apresentadas anteriormente forjadas e construídas.

Uma comunidade de nível superior recebe argumentos, confronta-os, reelabora-os, desenha estratégias adequadas para a implementação do que foi conciliado e articulado. Para tal finalidade estamos reunidos, ao colocar em comum a vontade de construir este Centro Universitário com a qualidade que cada um idealiza, convergindo para ações comuns, multiplicadoras, capazes de envolver os discentes no processo de formação continuada, metodologicamente científica, constituidora de mentalidades curiosas e pesquisadoras, na incessante procura da melhor solução para as questões que são colocadas cada vez com maiores detalhes e complexidade. Não é fácil ser engenheiro, informático, administrador. Mais difícil é

partilhar com os estudantes através da sala de aula, dos laboratórios, das atividades de campo, na indústria e na construção, o futuro exercício dessas atividades profissionais. Justamente, porque o mundo mudou, a evolução salta passos, a tecnologia explode, o conforto exige de nós mudanças nos nossos processos de ensino, aprendizagem, formação, acompanhamento de estágios, iniciação científica. Além das grandes transformações que atingem a todos com seus benefícios e limites, existem lacunas terríveis que a todos martirizam, independentemente de classe social. Refiro-me à ineficiência de políticas públicas para a oferta dos serviços aos quais o cidadão teria direito constitucional. Refiro-me à saúde e ao saneamento básico, à educação, à alimentação, à moradia, ao acesso aos bens culturais, além da segurança, transporte e condições de trânsito.

Ante este Brasil real, o que pode e deve fazer nosso Centro Universitário? Como trabalhar no presente, preparando o futuro melhor com nossas ações formativa, operativa e indutiva de melhores atitudes.

2006 é dedicado, pela Igreja Católica, em sua Campanha de Fraternidade, ao deficiente, ao portador de necessidades especiais. A Igreja quer trabalhar para ajudar a acessibilidade de todas as pessoas aos bens de todos. É necessário avançar, criando atitudes e condições para que todos possam estudar, locomover-



VOZ DO PRESIDENTE

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI

*São Bernardo do Campo, 31 de
janeiro de 2006*

se, consultar nossos centros, laboratórios, bibliotecas, acervos, aulas. Serão necessários investimentos na linguagem dos sinais, nos computadores para quem tem limitação visual. São saltos de qualidade que todos devemos apoiar, incentivar e aplaudir.

2006: o Centro Universitário da FEI completou seus quatro anos. O reitor e os vice-reitores foram reconduzidos para ajudarem a consolidar o projeto instaurado. Alguns resultados são visíveis, como a aprovação do primeiro mestrado pela CAPES e a vontade de crescer em massa crítica, capaz de projetos de pesquisa e participação em congressos reconhecidos nos níveis nacional e internacional. Estou contente com o desenvolvimento atingido de modo sustentável e contínuo.

2006 foi o ano em que encerrei meu trabalho no Recife, na UNICAP. Desde o falecimento do Pe. Aldemar Moreira, venho, através da ponte aérea, dar apoio à diretoria da Fundação e à Reitoria do Centro nas diversas atividades desenvolvidas. Sou devedor da dedicação de todos os colaboradores que deram condições para levar adiante uma situação temporária que durou bons oito anos. Não tenho queixas, foi divertido e consolador contar com todos que aceitaram os mesmos desafios. Avançar em qualidade, avançar no nível acadêmico, projetar novos espaços e instalações adequadas. Nem pergunto o que a "rádio peão" comenta sobre o prédio novo que enferrujou, exigiu mudança de projeto e, enfim, está quase disponível para a ocupação ordenada, segundo as prioridades indicadas pela reitoria. Creio que, em São Paulo, poderei dar-lhes mais atenção do que dava antes, sem limitar a autoridade delegada, para que tudo possa fluir com segurança na velocidade necessária. Estarei residindo no Colégio São Luís e trabalhando na Vergueiro, vindo a São Bernardo na medida da conveniência e necessidade acordada com os senhores e senhoras. Ainda terei que me ambientar com São Paulo vindo da cidade lendária do Recife.

Espero que o bom clima de colaboração permaneça, desenvolvendo-se de modo harmônico e eficiente cada vez mais. A Presidência quer um Centro forte academicamente, envolvido em pesquisas, concorrendo com os melhores editais das financiadoras estatais e privadas. Quero que o tempo integral seja uma política clara de qualidade de cada departamento ou curso. É preciso que os professores que queiram dedicar-se, de fato, se dediquem, preparem seus projetos de pesquisa, publiquem-nos, assinem a história que estão construindo coletivamente, neste Centro Universitário. É bom orgulhar-se do que realizamos com nossas capacidades plenamente desenvolvidas e a serviço do estudante, da comunidade, da sociedade na qual estamos enraizados.

2006 identifica-se como o ano nacional da avaliação universitária. O processo já atingiu todos os segmentos de ensino superior. Cada instituição já constituiu sua comissão interna de avaliação, tem desenvolvido seus processos e se prepara até maio para a entrega do relatório final de avaliação para ser conferido pela avaliação externa. Não se deve temer a avaliação. Ela é um processo normal de aferição de qualidade, é a linha divisória entre o que se faz e o que se pensa que se faz. É uma grande oportunidade para avançar, consolidando pontos fortes e adquiridos e trabalhando pontos de vulnerabilidade em que não se consegue atingir o que se deseja. É importante que as comunidades docente, funcional e discente estejam articuladas para mostrar como se vive, como se trabalha, como se constrói a formação participada neste Centro Universitário. É importante que todos possam encontrar-se debatendo, relativizando pontos de vista, para que se possa, realmente, retratar nossa realidade e vontade de trabalho sério, seguro e sustentável. É o momento de superarmos hiatos de comunicação para avançarmos, com dignidade, na sadia missão que assumimos todos em relação à juventude, à comunidade e à sociedade.

Gostaria de que todos trabalhassem satisfeitos, com suas ações distinguidas pelo mérito, com a segurança de dar de si o melhor para a construção de uma Instituição que só nós poderemos levar adiante. Sim, porque cabe a cada um de nós levar adiante este legado educacional e formativo que os fundadores vislumbraram como condição sem a qual não é possível desenvolvimento sustentável e ético neste país de todos nós. Pe. Sabóia de Medeiros, Pe. Moreira e tantos que se sucederam entre os dois na gestão institucional acreditaram que o Brasil seria melhor com a competência que as pessoas adquiririam em nossas escolas, hoje elevadas a Centro Universitário e que, a depender dos senhores e senhoras, avançará a passos largos através da capacitação de seus docentes e pesquisadores; da iteração, em redes, da massa crítica acumulada através de projetos consistentes; da articulação acadêmica, austera e científica, para uma Universidade de pleno direito. As condições são de todos conhecidas: institucionalização da Pesquisa e da Pós-graduação, iniciação científica, quadro de mestres e doutores, quadro de tempo integral produtivo, programas acadêmicos consistentes de relevância social. Não dá para parar na pista aguardando. É necessário arregaçar as mangas e trabalhar contínua e seriamente. Por isso estamos aqui, realizando o que não pode ser feito por mais ninguém. O lugar é nosso, a oportunidade igualmente, o tempo continua a contar. O ano é novo, a esperança também. No dia 1º, o cronista Carlos Heitor Cony lembrou uma historinha que se aplica bem aqui. "Havia uma caverna na qual estavam acesas quatro velas. Cada uma dizia o que era e fazia e, em seguida, entrava um vento pelo rochedo e apagava cada uma. Assim apagaram-se a paz, a fé, a paixão e a vontade. A mais modesta era a esperança. Esta, escondidinha e humilde, afirmava: ' – Sem mim, a escuridão seria eterna e total. Nenhum vento poderia apagar a luz que não existe. Então, passou a animar a

caverna, acendendo as outras e passando a ser a luz para a paz, o amor e a fé". Quer dizer que a esperança sustenta a vida, o serviço, a dedicação, a doação. Só quem espera vive bem, persevera arduamente ante toda expectativa contrária. Foi o que fizeram os pastores na corrida noturna até Belém, para encontrarem a realização da notícia de alegria angelical. Os magos, por sua vez, pesquisaram o próprio caminho estelar até acharem o Menino e sua Mãe, verificando que o Herodes ensandecido não era digno de sua volta até ele.

Todo ano que se inicia é uma oportunidade a mais para realizarmos com amor dedicado a obra de nossas vidas, a formação da juventude, a transformação da sociedade. Para isso, estamos aqui chamados à nossa Vocação, porque sabemos que o que fazemos é um serviço, uma Missão assumida. Fomos chamados e, concordes, percebemos nossa Identidade Institucional. Assim, queremos comemorar os quatro anos do Centro Universitário e continuar assinando, com nossas vidas, o projeto comum de autoria de todos nós. Ter autoridade é ser autor do que se faz, do que se quer, do que se projeta. É o que me disponho a fomentar com todos os senhores e senhoras que aceitam nossa vontade de que façam parte real deste Centro Universitário.

Pensando em comum nessas premissas, fica fácil perceber que não há distanciamento entre a comunidade acadêmica e a presidência da Fundação. Todos queremos o melhor para nossos jovens, nossa sociedade, nosso país. Tudo isso realizaremos sempre com a proteção divina, benévolas em sua assistência, acendendo luzes em nossos caminhos. Queremos que Deus nos abençoe, queremos ser abençoados por Deus, queremos receber sua bênção através da resposta coerente que damos e daremos em nossas vidas, tarefas, funções e dedicações. Com essas palavras de desafio, encorajo a todos a iniciarem este ano letivo de 2006 com alegria, esperança e segurança. Pela atenção de todos só posso me sentir lisonjeado e agradecido. □

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI



ABERTURA DO ANO LETIVO 2006

Abrimos o ano letivo academicamente e agora nos estamos situando nesta capela para celebrar a certeza de nossa esperança: Deus está entre nós, caminha conosco, faz rota paciente e constante. Deus acredita em nós, obra de suas mãos, de sua mente, de sua iniciativa de participação da vida. A vida divina gera a vida criada. O Incriado cria, à luz da sua Imagem, o homem vivente biologicamente e apto para o diálogo, transcendendo o mundo tangível, capaz de realizar seu chamado para ultrapassar o mundo terreno e habitar o mundo divino eternamente. Deus convida, concede acesso, insiste com sua inspiração e graça para que concordemos com Ele, que quer o nosso Bem Pleno. Deus dotou a humanidade da faísca de sua inteligência para que possa aderir à Vida concedida. Vivemos

dualmente, sepamos nossa vida biológica de nossa espiritualidade. É preciso vivê-la integralmente. Deus nos cria de tal modo que, nesta vida, já carregamos germinalmente a vida eterna. É uma aspiração ancestral, todas as religiões e culturas cuidam da morte, dos restos mortais, das expiações, das oferendas, dos ritos fúnebres. O homem, naturalmente, não se conforma com a morte, quer viver para sempre, aspiração colocada pelo Criador em sua obra-prima. Articular nascimento e salvação, idéia e religião, discurso e ação é a arte de bem viver. É o que desejamos uns aos outros. Para esse apoio motivador, contamos com a colaboração de todos. Ninguém se considere dispensado do crescimento humano, integral, cultural, espiritual, cristão.

A palavra de Deus é de otimismo. Deus é um otimista confesso, não só como atributo direto, mas pela percepção do profeta-sacerdote, inspirado em obra de grande valor, inicia o relato da gesta divina no livro do Gênesis. Deus, em seu atelier, separa as tarefas dia a dia, semana completa. Do início ao repouso, à avaliação do que foi realizado. Jardim dos desejos de Deus, das delícias, Éden sonhado idilicamente. O ser humano foi criado para ser feliz, para habitar a terra em intimidade com o Criador. “Deus nos criou para si e o nosso coração permanece inquieto, enquanto não repousar na contemplação de Deus”, expressou um dia Agostinho, o grande bispo de Hipona. Corremos o risco de nos determos na beleza das coisas, no encanto dos trabalhos, na aparência de estabilidade de nosso dia-a-dia, a tal ponto que nos esquecemos de nossa origem, de nosso objetivo, de nosso destino. De onde viemos e para onde nos dirigimos? Considerar as realidades da vida humana que a todos envolvem a seu tempo ajuda a tomarmos boas decisões no presente, a construirmos o futuro a consolidarmos nossas existências no rumo certo com a bússola divina. Ser feliz para sempre é a aspiração divina para todos nós. É preciso descobrir as

ondas necessárias à sintonia fina, sem interferência na vontade de Deus, para que nossa audição e intelecção sejam de alta fidelidade. À sua Imagem, à sua semelhança, o Deus Único, não-Gerado, criou-os, Homem e Mulher, para crescerem, multiplicarem-se, criarem cultura e a legarem, desenvolverem sua espiritualidade solidária, construtora do Bem Comum necessário à convivência fraterna, colaborativa e promotora da Justiça do Reino de Deus.

O Reino de Deus se aproximou de nós com Jesus. Jesus é o Filho Eterno de Deus que veio entre nós. Habitou entre os seus para ser recebido, acolhido, multiplicado através de nossos gestos, atitudes, palavras e testemunhos. Ouvimos, hoje, relato evangélico impressionante. Jesus passou pela terra fazendo o Bem, colocando sua assinatura divina. O Criador atua sempre, vem em socorro fazer parte da Criação da Humanidade. Ele se fez Homem e habitou entre nós. Seu nascimento ocorreu em Belém; sua residência oficial, Nazaré, durante trinta anos; seu itinerário nos derradeiros três anos de pregação, paixão, morte, sepultura, ressurreição: Palestina, Judéia, Samaria, cidades à margem do Lago de Tiberíades. Hoje o Evangelho de Marcos situou Jesus na descida de uma barca, às margens do lago. Jesus não está só. Acompanhado dos discípulos, em meio a enorme multidão que o envolve, é abordado pelo chefe da sinagoga. Homem piedoso, passando por grande sofrimento, suplica a intervenção de Jesus para que sua filhinha querida sare e viva, porque está nas últimas. Jesus o acompanha comprimido pela multidão. No itinerário, há uma mulher que padece de uma hemorragia durante doze anos, sem o alívio de nenhum médico a que recorrera; entregara tudo o que possuía e piorava cada vez mais. Duas cenas envolvem, na mesma circunstância, as ações de Jesus. A mulher ouvira falar de Jesus. O chefe da sinagoga também. Sabiam que Jesus tinha a força de Deus entre nós,

podia realizar o que fosse oportuno e bom para cada um. Cada um em seu coração sabia que podia contar com Ele. Ele exigia, como Deus exige, confiança, fé, crédito, vontade de que a Santa Vontade se realize. Do pai consta o nome e a função: Jairo, chefe da sinagoga. Da mulher consta apenas a certeza de que, se tocar apenas na roupa dele, ficará curada. Assim aconteceu, Jesus sentiu que a curara, Jesus sabia quem era, mas quer que os discípulos participem; eles se agastaram, porque não entenderam a intenção de Jesus. "Vês a multidão que te comprime e ainda perguntas: quem tocou na minha roupa?" A mulher, temendo e tremendo, contou toda a verdade aos pés de Jesus. Jesus a fortalece na atitude de acreditar: "Filha, a tua fé te curou. Vai em paz e fica curada desta doença". Ao chefe Jairo Jesus confirma: "Não tenhas medo da morte. Basta acreditar em Deus, ter fé". No ambiente, ainda fica registrado que começaram a caçar de Jesus, reagindo às suas palavras. Jesus ressuscita a menina de doze anos ordenando-lhe que se levante e comece a andar, recomenda que os pais a alimentem. Marcos registra os doze anos da menina e os doze anos da enfermidade da desconhecida. Essas duas, a adulta e a criança, passaram pelo Evangelho como sinais seguros da intenção de Deus a nosso respeito. Vem ao nosso encontro na atualidade de nossas vidas, para levar-nos ao seu encontro ininterrupto. A condição única de Jesus é que acreditemos, que tenhamos fé em Deus, que possamos realizar com todos o que desejamos que Deus realize para nós e em nós. Que possamos amar ao próximo como amamos a nós mesmos. Amar, confiar em Deus em todas as nossas circunstâncias e inferências e transmitir esse testemunho a todos com quem nos encontrarmos em nossa vida, em nosso trabalho acadêmico, em nossa ação cidadã, cultural, política e profissional. É o que desejo de coração a todos que apóiam esta Instituição. Deus nos inspire sempre através de todos os nossos caminhos. Amém. □

Pe. Theodoro Paulo
Severino Peters, S.J.,
Presidente da FEI



Pe. Roberto Villar, S.J.

São Paulo, 15 de março de 2006

MISSA DE CORPO PRESENTE DO PE. ROBERTO VILLAR, S.J.

Ontem fomos surpreendidos pela partida do Pe. Roberto desta vida para a eternidade. Surpreendidos porque sua morte pareceu muito rápida. Sentiu-se mal na semana passada, começou a ser cuidado, anteontem superou espontaneamente uma parada respiratória, motivadora de seu internamento na UTI. Aguardávamos os resultados dos exames minuciosos a que foi submetido pelos médicos responsáveis pelo seu atendimento.

Quem era o Pe. Roberto? Ituano de nascimento, entrou para a Escola Apostólica no Colégio Anchieta de Nova Friburgo, onde cursou o ginásial e o clássico, entrando para a Companhia de Jesus em Itaici, em fevereiro de 1964. Em Itaici, ficou três anos, estudou Filosofia na Anhanguera; por largos anos, praticou o magistério no Colégio São Luís, onde, diariamente, acompanhava seus alunos com dedicação ímpar. Sua figura, de guarda-pó branco, serenava corredores, animava recreios, dirimia contendas, restabelecia a paz e a segura referência de que é bom ser bom, é possível ser melhor, é desejável progredir sempre na qualidade de todos os acontecimentos.

Animado, repleto de vitalidade, não havia descanso que o impedisse de dar conta de seus encargos com alunos, estudantes, professores, funcionários e famílias. A seguir, cursou a Teologia na PUC do Rio, sempre mantendo contacto funcional com o "seu" São Luís. Nesta bela Igreja, foi consagrado sacerdote pela unção de Dom Luciano Mendes de Almeida, professor da maioria dos jesuítas do Brasil. Sacerdote, colaborou muito comigo no tempo de Reitor, tanto nos encargos pedagógicos, como nos administrativos. Foi possível muito realizar graças à motivação de toda a equipe de colaboradores, e o Pe. Roberto assumia as negociações mais complexas sem perder a calma, quando os anteriores já a haviam

esgotado. Foi com sua colaboração enorme que foi construído, então, o prédio Bela Cintra, as garagens, os salões e o campo de futebol. Do São Luís foi designado Reitor do Colégio São Francisco Xavier. A seguir, trabalhou no Rio de Janeiro, no Centro Pedagógico Pe. Arrupe, e, retornando ao São Luís, foi assumindo, com a coordenação do então Provincial, Pe. Ivern, a fiscalização e o acompanhamento da construção do novo prédio.

Esse é o Padre que eu conheci, apoiado, sentindo-se seguro com o simples olhar anuente de seu superior, realizava maravilhas. Incentivado, ajudava bastante com sua dedicação, reflexão e trabalho incansável. Fazia parte da equipe que tornou possível realizar excelente trabalho pedagógico e administrativo que calou até os tempos atuais. Ajudou na administração e no acompanhamento das obras daquela época e, mais recentemente, apoiou-me como Conselheiro da FEI pela qualidade de sua presença e palavra além do apoio incomensurável nas dificuldades que tive que superar na obra em construção, graças à sua capacidade analítica e raciocínio experencial acurado, aliados à capacidade seletiva de sua escuta atenta e arguta.

Guardo a lembrança bonita de um amigo solidário, cúmplice das pessoas a quem era dedicado: seus alunos, os professores, os funcionários. Um sacerdote que gostava de proceder com simplicidade no exercício dos muitos ministérios sacramentais a que era chamado. Um homem simples do povo e com o povo. Pessoa desapegada de bens, pouco exigente para consigo, excedendo-se em compreensão com os outros, ótimo negociador, desatador de embarracos e nós. Um homem bom que entrou ontem para a alegria do seu Senhor. Seu Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno. Descanse em paz, meu irmão. Amém. □

Reproduzimos trechos do livro do Pe. Sabóia "Aos Homens do Meu Tempo"()*

que reúne artigos publicados anteriormente.

Nele, sob o pseudônimo de Frei Nicostrato, responde a consultas de seus leitores. É a manifestação perenizada de problemas vividos e de soluções procuradas. O escrito tem mais de 50 anos.

Mantém, contudo, marcante atualidade, tanto no assunto abordado, como na forma vívida como é tratado. Mostra bem o estilo e a personalidade do Pe. Sabóia.



CHEGAR AO USO DA RAZÃO

Meu caro Professor:

Não quero fazer aqui o papel de palmatória do mundo. Pode ser que "esteja tudo azul"! Vamos porém tomar esse problema por outro lado, verificar por aí as nossas afirmações anteriores. Façamos uma espécie de contraprova. O lado pelo qual atacaria o assunto hoje, é o dos exames de admissão nas Faculdades Superiores. Todos sabem com efeito que o número de reprovações nesses exames é elevado. Será que os exames são muito difíceis? ou que se façam perguntas rebuscadas, como agulha em palheiro? Nada disto. Normalmente as provas constam de pontos bastante simples; o estrito, o necessário para que o candidato possa acompanhar o primeiro ano da Escola na qual quer entrar. No entanto as reprovações lembram uma degolação geral. Às vezes, nem dez por cento dos candidatos são aprovados. A conclusão é que simplesmente não sabem. Pode haver este ou aquele caso de nervosismo, porém não é possível admitir que duzentos, trezentos, quinhentos, mil rapazes fiquem todos nervosos em um belo dia e no mesmo dia. A verdade é que não sabem. E porque é que não sabem? Não podemos culpar os colégios secundários. Afinal, estes colégios devem dar a matéria preceituada pelo Ministério da Educação. Ora, o Ministério exerce uma verdadeira ditadura sobre

todos os colégios; há para o ensino uma centralização total no Rio de Janeiro. O Ministério entra em todas as minúcias de todos os colégios; há portarias que regulam tudo e há portarias corrigindo portarias e modificando parágrafos de outras portarias. Nesta Babel legislativa inflada de absurdo, há a regra de que o professor deve dar, pelo menos, sessenta por cento do programa. E em vez de serem os programas rationalmente limitados ao essencial, os programas são absurdamente vastos; e em vez de constarem de um pequeno e sólido número de matérias, obriga a 8, 10, 12 matérias por ano. De modo que quem examinasse as florestas de matérias que o menino brasileiro tem que percorrer no ensino secundário, concluiria que o brasileiro é um gênio, um espécime da mais variada cultura e portanto dotado dos mais peregrinos recursos. E no entanto, eis que este geniozinho esborracha-se todo num simples exame vestibular.

A uma análise, o que transparece é que os meninos brasileiros são postos diante de um dilema: ou estudar a fundo dez, doze matérias, ou memorizar dez, doze matérias sem entender o que estão decorando. Para estudar a fundo, o menino terá que viver extremamente concentrado, precisará contar com um mentor que lhe explique aquilo que ele não pode perguntar em aula, uma vez que o professor, obrigado a dar aquela porcentagem de matéria enorme, não tem tempo de dar explicações, nem quase de corrigir provas escritas; e esse menino, mesmo nas férias, deverá trabalhar nos estudos. Como essa vida de beneditino não é sustentável por meninos de 12 aos 16 anos, acontece que a grande massa decora. E que significa decorar? Significa entrouxar tudo na memória sem entender, nem saber porquê. O professor disse, o professor ensinou assim; pronto, o menino repete aquilo como vitrola. Que se importa ele com a verdade ou com a mentira, a exatidão ou a inexatidão? O prático é saber o que o professor disse e como o professor disse, para

(*) Publicação da Ação Social, 1963, P.32-36

AOS HOMENS DO MEU TEMPO

poder passar no exame. E quando a memória falhar, há sempre o recurso, cada vez mais normal, há a cola; isto é, há uma falta de caráter, há uma manobra, parente-próxima das que serão feitas mais tarde com faturamentos, comissões, contas fictícias, recibos de mais que correspondem a menos etc, etc, etc.

Essa análise revela que há anos, o homem brasileiro desde menino, se desacostumou de usar a sua razão. Ele usa a sua memória. Falta-lhe toda a prática do raciocínio; falta-lhe ginástica mental; isto quer dizer que não possui mais a arte de aplicar os princípios universais aos casos particulares. O resultado é que ele vive no imediatismo dos casos, do problema concreto da hora, para o qual tem que "dar um jeito". Não é toda hora que ouvimos dizer: "preciso quebrar este galho"; "temos que dar muito pulo"; "vamos meter o peito" etc. etc.? Essas expressões simplesmente traduzem uma mentalidade que não sabendo resolver as coisas pela raiz, contenta-se em "dar murros", em sossegar na hora, em viver na superfície.

Agora, se quisermos ser implacáveis na nossa análise, poderemos dar mais um passo. Com efeito, que acontece com um homem quando ele exerce "pouco a sua faculdade de refletir, de raciocinar, de concluir baseado em premissas sólidas? Que acontece? Ora, se a mente é o distintivo deste animal chamado homem, se é por causa da mente que ele é racional; - o não-uso da racionalidade, abre vasto campo à animalidade. Se pois, tantos filhos amarguram a muitos pais, é que essas criaturinhas vivem no imediatismo dos sentidos, farejando o que agrada, o que dá gosto, o que é divertido, completamente opacos à luz superior que viria de uma razão exercitada.

Por que não posso fazer isto, perguntam eles volta e meia? Os motivos dados pelos mais velhos não são apreendidos pela mente, mas pelos ouvidos. A mente está adormecida por falta de exercício, e portanto só se aplica a idéias singulares, limitadas e utilitárias. Muitas

vezes, os mesmos pais não sabem dar motivos, pois eles também foram vítimas de igual sistema e o sistema por sua vez foi organizado por homens semelhantemente atingidos por um processo de materialização que vem de muitos e muitos anos. De fato o que há é uma materialização do homem, um embrutecimento de toda a vida. Não funcionando a razão como mestra, explodem as paixões como tiranas. Por que é, por ex., que o futebol, as corridas de cavalo ou de automóvel e os esportes em geral são tão populares? É que exprimem a força física, exteriorizam e estilizam a brutalidade, dão a sensação da vitória do mais forte. Vai falar àquelas multidões torcedoras sobre a mansidão, a pureza, a temperança...

Não atinge! O que atinge é o marcial, são as trombetas e tambores, é o muscular.

Aqui podemos dar mais um passo. A análise revela que o triunfo da força física e as épocas em que predominam as forças físicas andam associadas à efervescência sexual. O homem bruto é facilmente um homem fraco no domínio de si mesmo. Assim se explica como essa mesma mocidade que memorizou, que brilha nos esportes, que vence em certos negócios, vive associada às farras, e àquilo que no corpo mais cedo se corrompe. A carne e o sangue, os biceps e as pernas passaram a ser os órgãos supremos, e a aristocracia de uma humanidade que desaprendeu a usar a cabeça ou que pôs a cabeça à serviço de sua majestade a "força e sexo".

Quando portanto foi dito na carta anterior que aquele pai deu tudo ao filho menos o mais necessário, menos o ideal, o desinteresse, e o amor à generosidade, isto em outros termos queria dizer que desde o berço devemos infundir o respeito aos princípios; e que não é preciso esperar o tempo da escola para acostumar o menino a pensar, a exercer, não a memória, mas a sua razãozinha. E que para distrair as crianças não é preciso dar muitos brinquedos, iniciar nos cinemas, paralisá-los ante uma televisão; mas que já podem elas ser

AOS HOMENS DO MEU TEMPO

adestradas na arte de pensar, como faziam os antigos com grande variedade de recursos. O que é importante sublinhar é que a educação não começa no dia em que o menino entra no grupo escolar. Os pais é que são, de princípio a fim, os educadores mais responsáveis. Hoje os colégios, ou sob a ditadura ministerial; ou outros escandalosamente mercantilizados, pouco podem fazer pela mocidade. Como essa situação não se altera de um momento para outro, há uma obrigação tanto maior da família em remediar, dando interioridade ao exteriorismo dominante. É só pelo interior que o homem é homem. Não adiantam as proibições e as leis. O controle real é o que vem de dentro. E dentro é o reino da mente. É esta mente que deve ser outra vez cultivada.

Quisera acabar com uma comparação. Visitando prédios modernos, um de nossos monges se admirava de não ver fios de eletricidade ao longo das paredes, e lhe foi explicado que tudo agora era embutido enquanto se construam as casas. E o velho monge levantando o dedo descarnado põe-se a rir e pondera que assim deverá ser a educação das crianças, assentando que nos seus antigos tempos os pais incutiam princípios e sentimentos aos infantes desde o berço, embora nas casas pesgassem os fios fora das paredes; hoje os homens adiantaram-se na técnica, mas pretendem na educação emplastar os filhos com belas idéias "depois" que estes já cresceram como pequenos selvagens...

FREI NICOSTRATO da Ordem da Redenção dos Catiivos



No prefácio, o Pe. Francisco Leme Lopes, S.J., contemporâneo do Pe. Sabóia, em breves palavras esboça um retrato bem fiel do autor, aqui reproduzido:

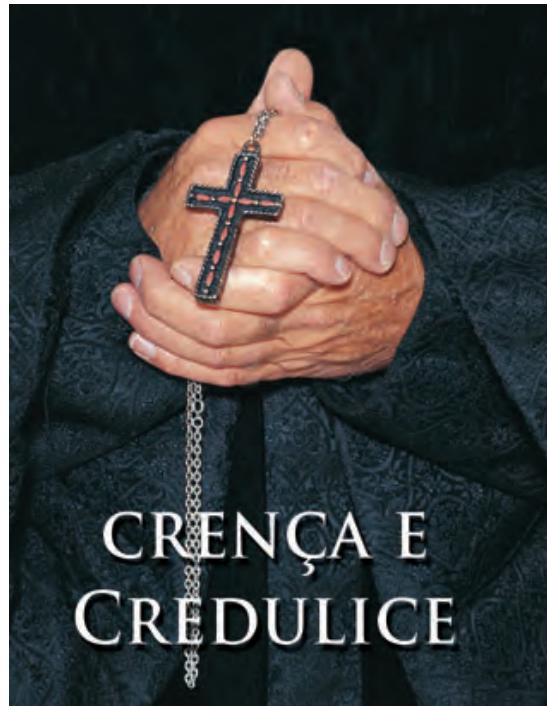
O trabalhador incansável esgotou cedo suas forças. Não se poupava para a realização de seus ideais. *Quod deest me torquet* era o lema que figurava em sua mesa de trabalho. Morreu aos 50 anos. Mas sua figura, emoldurada por uma canécie precoce, tinha algo de uma sombra humana, quase espiritualizada, com um olhar que parecia ir além do corpóreo, fixando o Infinito. Por outro lado era sempre ruidoso, jovial, alegre, transbordante de simpatia.

Sua atividade social não permitiu deixasse em uma obra escrita de maior vulto toda a medida de seu talento. Seu nome era dos mais populares em São Paulo. Não hesitava em pedir a todos o seu continho (depois o bicontinho) para levar adiante os seus empreendimentos. Originalíssimo em seu modo de escrever como de agir, espontâneo, avesso a tudo o que era artificial, é mais na irradiação de sua pujante personalidade que ficará sua imagem entre os que com ele trataram. De sua erudição e talento (era mais um intuitivo que um lógico) falam um pouco os trabalhos que deixou, especialmente em revistas culturais, de modo particular em Serviço Social. Escrevendo sobre Blondel, dizia estas palavras que parecem autobi-

gráficas: "Não há dúvida de que o seu estilo não é fácil por ser virilmente denso, o seu modo de expressão é sínuso e à primeira vista parece que está sempre no mesmo lugar e o modo de exposição impõe ao leitor uma certa paciência, pois as coisas não aparecem contornadas e definitivas". E mais adiante: "M. Blondel nunca terá muitos leitores diretos. É um autor austero. No entanto, que recompensa espera a quem se dá ao trabalho de superar as primeiras impressões! Por outro lado, ele não pôde acabar toda a sua obra. Na última carta que me escreveu em fevereiro deste ano (1949) ainda me dizia que faltava o principal e narra-me, em carta também, uma das pessoas mais chegadas à sua família que duas horas antes do último colapso ele ainda ditava... Depois rezou! Rezou uma hora e quando ele, abrindo os olhos cegos, ouviu desse familiar *"Mon Dieu, je vous donne ma vie"*, fez "o ato supremo de morrer" de que escreveu tão esplendidamente no 2.º volume de *Pensée*, e assim se foi num grande silêncio".

O discípulo seguiu o Mestre.

P. Francisco Leme Lopes, S.J.



Meu caro redator:

Há uma frase tão verdadeira do Cardeal Saliège, Arcebispo de Tolosa em sua pastoral de quaresma do ano findo que merece comentário.

Diz pois o grande prelado: – “A fé inspira a coragem do cristão em face da perseguição; e ela mantém sua clarividência ante as propagandas e faz com que nesta hora o cristão autêntico seja o menos crédulo dos homens”.

O menos crédulo dos homens! Mas que afirmação sensacional!

O cristão não é porventura aquele cujos olhos estão dentro de um cabresto? Não é aquele que deve ter sempre em conta o que diz o seu dogma e portanto não carece ele daquela desenvoltura de movimentos de que blasona o incrédulo? O incrédulo se preza de

não ter preconceitos, de ler, ver, examinar, julgar, experimentar tudo sem barreiras, sem tomar em conta afirmações superiores. Não é ele, o incrédulo, o clarividente, o espírito crítico, o que conserva a própria disponibilidade?

Eis que um Cardeal se sai com este paradoxo: – graças à fé (justamente ao que amarra), graças à fé, o cristão hoje em dia é o menos crédulo dos homens!

Por que e como?

Ora não é preciso refletir muito para reparar o que de fato está acontecendo com a humanidade. A técnica pôs à disposição do homem meios como os jornais, o rádio, a televisão, o radar, o sonar e mil outros aparelhos de comunicação. Processou-se então, pouco a pouco na humanidade, uma exteriorização dos homens pela qual deixando cada vez mais de pensar por si, na mesma medida, vão se tornando dependentes do exterior. Em vez de ler, acompanham figurinhas ou assistem ao cinema. Em vez de estudar, preferem ouvir, ouvir qualquer coisa, mesmo o que houver de mais insípido. E por seu lado esses meios de comunicação disseminam apenas o que imaginam possa interessar da média para baixo.

O sensacional substitui o verdadeiro; o impressionismo substitui o objetivo. Até que se chega ao resultado em que o homem, como que instintivamente, faz uma seleção do que lhe agrada ou desagrada e aceita aquilo que lhe parece agradável. Isto é a verdade; o resto não existe. E à força de se repetir uns tantos “slogans”, o homem acaba por adotar aquilo como verdade.

Nos regimes ditoriais, o caso é patente. O governo toma conta de todos os meios de publicidade, corta todas as possibilidades de comparação e de verificação, e martela durante dias e noites, semanas e meses, que o Partido tem razão, que o Vaticano é potência estrangeira mancomunada com o tal imperialismo americano; que a democracia popular é

a defensora do povo; que a oposição faz espionagem etc. etc. De tal modo tudo isto é bombardeado para dentro das cabeças de todos que como pobres rebanhos as multidões aceitam, crêem, e se resignam ao que tem que ser... Assim Hitler conseguiu seduzir um povo inteiro, e os comunistas conseguem os adeptos mais convencidos e fanáticos que se possa imaginar. É que não se alcança a verdade pelo simples uso nu e cru da razão, e é ainda mais profundamente que a razão nunca funciona, nua e cruentamente. Mil fatores psicológicos, mil forças subconscientes se insinuam em nossos raciocínios e quando o homem imagina estar concluindo sem preconceitos, está não raro aprisionado dentro do que lhe parece independência e desembaraço. É pois perfeitamente explicável que populações inteiras já esfriadas em sua fé religiosa, e penetradas por idéias e por preferências materialistas, ou simplesmente por uma vida de confortos e gozos imediatos hajam sido tomadas de surpresa e hajam simplesmente caído nas malhas de uma rede, no fundo, preparada pelas mesmas vítimas. É explicável que populações sofredoras ou passivas como na Rússia antiga, embora de uma religiosidade sentimental, hajam podido ser flageladas pela decisão porfiadamente mentirosa de um bando de tremendos revolucionários.

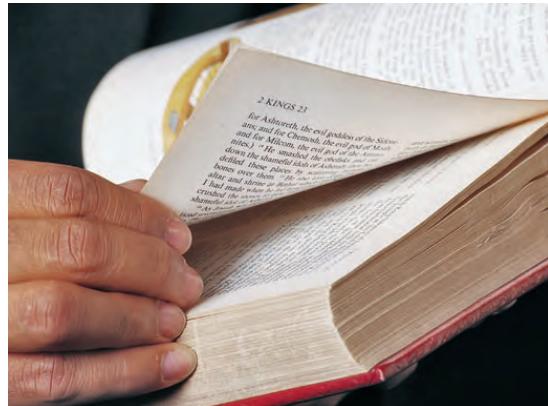
Não pensemos porém que em nossas democracias os homens tenham o flanco menos exposto a tragar qualquer mentira bem insinuada. Quem conhece, por ex., a verdadeira situação econômica do Brasil? Simplesmente temos que acreditar aquilo que os órgãos do governo se dignam revelar.

Quanta coisa fica atrás dos bastidores! Quantas manobras são as causas reais de acontecimentos, os quais, oficialmente, são atribuídos a motivos totalmente diversos! O público acredita piamente em uma versão; os iniciados sabem que a realidade é outra.

Mas afinal, isto não é o mais grave. O mais grave é o relativismo que esta situação vem trazendo. Todos dizem que não acreditam nos jornais, porém todos vão beber tudo nos jornais. Esse relativismo ou desinteresse pela verdade é que faz então com que os homens não tenham mais convicções próprias. Não há mais certezas; há opiniões. Os olhos se arregalam diante da ciência, mas a ciência nunca estaciona no mesmo lugar.

A mocidade que se permite ler tudo, cresce com os miolos em ebulação. Ouviu falar das opiniões mais disparatadas e por falta de uma formação sólida, de uma estrutura própria, parece exatamente que em suas cabecinhas há uma geléia que toma a forma de qualquer recipiente. Leu hoje Marx? É marxista e durante uma semana fala de Marx. Amanhã leu Gide? É gidiasta e durante uma temporada é do amor livre e vê beleza em qualquer monstro. Leu Schopenhauer? É pessimista e inclina-se com simpatia ao suicídio.

Talvez haja nisto algum exagero, mas que se pode dizer dessa confusão mental, desse turbilhonar de idéias sem nexo, desse amor às novidades só porque são novidades, curiosidade pelo esquisito, não para com respeito chegar à verdade, mas só porque algo é esquisito e misterioso? Que é tudo isto senão a generalização da credulice? A vontade de crer alguma coisa, sem que se queira a verdadeira fé. O homem que hoje recusa a fé do Evangelho, amanhã está invocando espíritos e aceitando passes. O homem que hoje tem horror à Igreja, amanhã está engolindo a filosofia barata da comunhão do pensamento e acatando os horóscopos do dia, e as charlatanices do primeiro benzedor. O homem que hoje se revolta contra o sobrenatural, amanhã está acatando as nebulosidades do teosofismo. E o homem que hoje repele os sacramentos e se irrita contra a submissão aos canais da Graça, ei-lo amanhã, escravo da moda, banalizado no que todos fazem, dependente de ligações



inconfessáveis, obrigado a sorrir para quem detesta, e a esperar favores de quem despreza.

A que se reduz então, a tal desenvoltura e o tal desembaraço do incrédulo? A uma enchente sem margens que tudo cobre e reduz tudo à igualdade do lodo. Não há nisto a mínima independência. O que há é uma curiosa predisposição a aceitar qualquer coisa, contanto que seja contra.

Vede, porém, o cristão autêntico de que fala o Cardeal Saliège. Ele tem na sua fé um meio de discernir o verdadeiro do falso, como um afinador tem no diapasão o instrumento para pôr um piano em ordem. Não quer dizer que o cristão saiba tudo ou possa julgar de tudo. A clarividência não é isto. A clarividência é conhecer o caminho, é saber aonde se vai, é ter a capacidade de não julgar antes do tempo, de desconfiar do bombástico, de possuir um faro que pressente os miasmas e se premune contra as infecções. Ao cristão autêntico não interessam as nutrições malsãs; não interessa povoar a cabeça com as últimas descobertas, ou com "furos" jornalísticos. O cristão autêntico é um homem com estrutura, um homem que sabe o que pensa e que tem a firmeza de suas convicções.

É por isto que o cristão autêntico sorri ante muito profeta, muito pregador de novas fórmulas, ante muitos telegramas de última hora. O cristão autêntico crê no milagre, mas sabe que Deus não fez milagres a três por dois, donde a sua atitude crítica diante de narrações maravilhosas e dos prodígios contados de boca em boca. O cristão autêntico é pois o menos crédulo dos homens. O que não acredita em Marx nem nos determinismos históricos, rotulados de científicos. O que não acredita nas panacéias das conferências internacionais, se o remédio moral profundo for esquecido. O que não acredita nas façanhas da técnica, se o coração do homem continuar chagado. O que não acredita nas frases feitas e nos ditirampos à democracia, se o regime econômico não for radicalmente humanizado. Há no cristão autêntico a clarividência que mostra, pela fé, as causas profundas dos males e através dos acontecimentos da história, o dono da história.

Muitos indecisos no meio de nós?

Muita mocidade puramente instintiva e sem finalidade?

Muito homem e mulher amargurados?

Muita atitude de aveSTRUZ a meter a cabeça na areia para não ver o perigo que vem vindo?

Muita gente sem ideal e só confiada no braço e no golpe?

É que proporcionalmente há muita credulidade, e pouca fé; muita credicice e pouca crença. E quando o homem chega a não saber em que é que ele crê, não admira que ele já não creia nem em si mesmo e se torne um joguete de seus momentos, de seus caprichos, de suas veleidades, porque simplesmente não sabe o que fazer de si mesmo...

Bem disse S. João Apóstolo: – a fé é a vitória sobre o mundo!

E é essa vitória, a única que instala a paz.

FREI NICOSTRATO da Ordem da Redenção dos Cativos



A UNIVERSIDADE, A PASTORAL E O TRABALHO SOCIAL

Profª Marli Pirozelli N. Silva,
membro do Departamento
de Ciências Sociais e
Jurídicas do Centro
Universitário da FEI

O PAPEL DA UNIVERSIDADE

Atualmente a universidade está passando por grandes transformações. A expansão dos cursos superiores ampliou a oferta de vagas, mas em muitos casos descaracterizou a universidade, que ficou reduzida a um conjunto de cursos técnicos de nível superior.

A verdadeira vocação da universidade parece ter dado lugar à preocupação exclusiva com o mercado de trabalho, perdendo desta forma sua grande riqueza que está na possibilidade de educação dos jovens.

Um conhecimento fragmentado e utilitarista tem dominado o mundo acadêmico, que nem ao menos coloca em questão o sentido da universidade.

Do ponto de vista cultural, o contexto universitário tem sido o lugar de difusão do relativismo e de um ceticismo disfarçado, que atinge diretamente os jovens.

A universidade não pode abdicar de sua vocação, que é a busca e afirmação da verdade, o conhecimento da realidade, a “abertura para o todo”.

Sua missão consiste em educar o que é propriamente humano – a razão compreendida em seu significado mais amplo: abertura à totalidade dos fatores que constituem a realidade, o confronto do homem com todo o real.

A especificidade da universidade não está na produção científica, mas na “resoluta orientação do

A UNIVERSIDADE, A PASTORAL E O TRABALHO SOCIAL

pensamento para o *universum*, para a unidade do conjunto do real; o decidido e persistente esforço de abertura para o todo, que desde sempre tem sido designado e entendido por Pieper como filosofar , isto é: " dirigir o olhar a tudo aquilo que se nos depara e, num esforço de pensamento preciso e metodicamente disciplinado, suscitar a questão de seu significado último e fundamental".

Enfim, o que é próprio da universidade não é a especialização e a profissionalização, mas a busca do conhecimento e da compreensão da realidade em sua totalidade, isto é, a integração do saber e a educação da racionalidade humana.

A razão não deve ser compreendida apenas em seus aspectos lógicos e demonstráveis, por isto o processo educativo tem o dever de avivar as perguntas perenes ou fundamentais do homem que estão implicadas na experiência cotidiana de cada um, mas de maneira geral, relegadas ao esquecimento. Perguntas que expressam a busca de sentido, de compreensão de toda a realidade. Perguntas que surgem em todas as circunstâncias e pedem o uso da razão em sua plenitude.

A universidade tem, portanto, a missão de educar o homem naquilo que lhe é próprio, isto é a capacidade de tomar consciência de si, daquilo que o constitui - o desejo de significado pleno para sua vida.

POR QUE UMA PASTORAL UNIVERSITÁRIA?

A experiência humana não se resolve apenas no seu aspecto intelectual, mas diz respeito também à busca de sentido que coloca em movimento toda atividade humana. De fato, de que adianta conhecer como funcionam todas as coisas deste mundo e conhecer profundamente a dinâmica humana se não se descobre o sentido último de todas as coisas?

A experiência religiosa diz respeito a esta busca de sentido. O homem, quando encontra um sentido para sua vida e para a vida do mundo, usará sua inteligência e sua capacidade de criação de maneira mais adequada e plena.

Quanto mais nos comprometemos com a busca do significado último da existência, mais percebemos que toda resposta particular é incompleta ou insuficiente e que nada pode responder de forma exaustiva a este desejo de conhecimento pleno.

A resposta à pergunta sobre o sentido último da existência coloca em questão toda a nossa energia intelectual e remete a algo maior que excede nossa capacidade de conhecimento, ou seja, nos abre para o sentido do mistério, para o conhecimento além dos limites da razão.

A Pastoral Universitária participa ativamente do processo de educação dos jovens, com o objetivo de formar jovens maduros na fé, com critérios capazes de julgar a si e o mundo que os cerca a partir da experiência do cristianismo.

O tempo de estudo na universidade e o ambiente da convivência universitária (entre os estudantes e entre professores e alunos) são cruciais para a formação de uma personalidade madura em todos os seus aspectos e a Pastoral Universitária procura responder a este desafio: formar pessoas capazes de assumir os desafios do ambiente em que vivem, tendo como ponto de partida a experiência cristã.

Sendo uma universidade católica, o Centro Universitário da FEI é chamado a enfrentar o tema do significado da realidade, aprofundando suas raízes cristãs.

"Uma fé que não se torne cultura – afirmou João Paulo II em 1982- é uma fé não plenamente acolhida, não inteiramente pensada, não fielmente vivida"

Quando chegam à universidade, muitos jovens já abandonaram aquilo que aprenderam na infância sobre o cristianismo, que não se adequa ao estágio de

desenvolvimento intelectual exigido neste novo contexto.

O clima cultural na universidade, após o desaparecimento das utopias, deu lugar a um grande individualismo (o máximo que o jovem almeja é uma boa posição profissional) e ao relativismo, chegando até mesmo ao ceticismo.

A tradição familiar, em geral, é abandonada e substituída por questionamentos que rapidamente desembocam em afirmações relativistas ou céticas, que encontram solo fértil para seu desenvolvimento.

O resultado deste clima cultural é a formação de jovens passivos, descrentes, envolvidos num grande torpor, incapazes de dedicarem-se a uma tarefa com empenho, seja ela ligada ao estudo ou a um projeto social.

Parece não ser mais possível afirmar valores absolutos e os jovens são dominados pela dúvida, que nada constrói porque paralisa o homem.

É neste contexto que a Pastoral Universitária procura atuar de modo a participar da tarefa de educar os jovens para viver a verdadeira religiosidade, isto é, viver o real na sua totalidade, viver o real na abertura ao Mistério.

O Mistério que entrou na história, fez-se homem para caminhar com os homens.

A Pastoral Universitária procura ajudar os jovens a reconhecerem a presença viva de Cristo, que acompanha o homem concreto, histórico, com suas necessidades e desejos.

Deste modo, o cristianismo não é um apêndice, ou algo a ser vivido de forma intimista nos fins de semana, mas algo que diz respeito a tudo o que é humano: nossas preocupações cotidianas, nossas necessidades, nossas dúvidas e desejos.

De fato, o gosto pelo desenvolvimento da razão impele os estudantes a envolverem-se com o ambiente universitário.

O empenho com a realidade do ambiente, com o estudo, a participação nas atividades acadêmicas, nos Centros Acadêmicos, a atenção para com as necessidades dos colegas (especialmente os calouros), a discussão das questões políticas atuais e as ações para diminuir a injustiça social, são exemplos deste movimento.

Portanto, a Pastoral Universitária contribui com o trabalho educativo que é próprio da universidade – a educação da racionalidade humana –, tendo como objetivo formar pessoas capazes de assumir integralmente o ambiente universitário, abrindo-se a todas as suas possibilidades e enfrentando seus desafios a partir da experiência de vida cristã em comunidade.

As atividades propostas pela Pastoral Universitária podem ser definidas em quatro âmbitos, que mantêm uma forte correlação, mas que poderiam ser logicamente assim diferenciados:

1. Serviço religioso;
2. Vivência;
3. Formação permanente;
4. Partilha.

1. Serviço religioso

Neste contexto, aglutinam-se todas as atividades ligadas ao serviço litúrgico e sacramental. Trata-se das atividades desenvolvidas na Igreja como as missas semanais, a celebração das festas, o atendimento da confissão e as celebrações dos sacramentos do crisma, batismo e matrimônio.

Este serviço é desenvolvido no Centro Universitário da FEI pelo Pe. Manuel Madruga, S.J. e pelo Pe. Vando Valentini.

2. Vivência

A fé, na sua estrutura fundamental, é a experiência de um encontro, da irrupção fascinante, na vida da pessoa, da presença viva de Cristo

A UNIVERSIDADE, A PASTORAL E O TRABALHO SOCIAL

no seu cotidiano. Esta experiência marca profundamente todos os movimentos católicos que são, na Igreja, a experiência viva do encontro com Cristo. Por isso a Pastoral Universitária pretende valorizar a presença, no interior da vida universitária, de todos os movimentos eclesiás, respeitando sua própria liderança, sua estrutura de condução e método de trabalho.

3.

Formação permanente

A dimensão da fé, na vida do mundo de hoje, tem de ser constantemente aprofundada e estudada em relação com os desafios do desenvolvimento cultural e político. Trata-se de entrar em diálogo com todos os aspectos da cultura e do conhecimento, buscando um juízo claro à luz da tradição do pensamento e da doutrina católica. Nesta ótica, não se pode deixar de lado todos os aspectos de participação política e cultural que são fundamentais na construção de um mundo mais justo.

4.

Partilha

Nesta perspectiva, busca-se viver a dimensão da caridade, isto é, do amor gratuito e da doação de si. A universidade vive num contexto social

muito preciso, caracterizado por uma série de injustiças e desigualdades. A universidade não pode ficar alheia a isso, por isso a Pastoral Universitária toma iniciativas para compartilhar, conhecer e servir a todos os homens de nosso mundo, com uma particular atenção aos mais necessitados.

COMO A PASTORAL UNIVERSITÁRIA ATUA

A partir do encontro com Cristo, toda a realidade torna-se fascinante e nada pode ser desprezado. Todos os acontecimentos na universidade e na sociedade são motivo de juízo e de manifestar uma presença viva entre os colegas. Esta postura vai sendo amadurecida através de encontros pessoais e das atividades que realizamos, que carregam em si uma intenção educativa.

Estas atividades documentam também a catolicidade das proposta, ou seja, de validade de proposta para o homem de qualquer lugar e de qualquer tempo e para qualquer circunstância.

Deste modo, forma-se um grupo de jovens que vivem uma unidade que os abre para o ambiente universitário e para as questões sociais e políticas. □

Quando o dramaturgo inglês Oscar Wilde chegou ao clube tarde da noite, depois de assistir à estréia de uma peça que fora um fracasso completo, alguém lhe perguntou:

– Como foi sua peça esta noite, Oscar?
– Oh – ele respondeu – a peça foi um grande sucesso. A platéia foi um fracasso!

(p. 256)

fonte: *O Enigma do Iluminado I*, Anthony de Mello, S.J., Loyola, 1991.

Discípulo: – Qual a diferença entre conhecimento e luz?

Mestre: – Quando se tem conhecimento, usa-se um facho para iluminar o caminho. Quando se é iluminado, a pessoa se transforma no facho.

(p. 93)



O ENSINO SOCIAL CRISTÃO E O CURSO DE ENGENHARIA

O Departamento de Ciências Sociais e Jurídicas coordena no terceiro ciclo dos cursos de engenharia, uma disciplina com a nomenclatura no mínimo curiosa: Ensino Social Cristão. Os jovens que optam por realizar no Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana seus estudos de engenharia, encontraram no primeiro ciclo, em Sociologia I, um estudo sobre o processo histórico, a Revolução Industrial, que permitiu o surgimento e o desenvolvimento das várias habilitações nas quais pretendem ser profissionais: Mecânica, Elétrica, Química, Produção, Têxtil, Materiais ou Civil, e refletem sobre a globalização como um fenômeno que atinge sua área de trabalho. No segundo ciclo estudam em Filosofia a epistemologia da ciência voltada para o realismo, a razão e a moralidade.

No terceiro ciclo são convidados a conhecer critérios, poderia-se dizer, das diversas doutrinas sociais que permeiam a sociedade moderna. Num primeiro momento se poderia dar espaço para um aprofundamento da história do capitalismo, ou quiçá, do socialismo, já que foram essas as doutrinas que orientaram a sociedade no decorrer do século passado. Entretanto, sendo este um Centro Universitário Inaciano, que teve em um jesuíta, Pe. Sabóia de Medeiros, seu fundador, manifestou-se aqui o espaço para a afirmação da sua inequívoca identidade católica. Ao invés de se dar voz às já conhecidas doutrinas laicas, se propõe o estudo da Doutrina Social da Igreja, que é fundamentada na antropologia cristã, e portanto, na

dignidade da pessoa, tendo uma clara proposta para a sociedade: o bem comum.

O Ensino Social Cristão é um discurso que nasce do encontro das circunstâncias histórias concretas (guerras, domínios econômicos, laicismo), com os ensinamentos do Evangelho, do Filho de Deus, Jesus Cristo, que redimiu os homens.

Seu método é o de interpretar a história tendo como critério de juízo os ensinamentos do Evangelho sobre o homem, na preocupação com a sua realização integral. Sendo assim, oferece princípios de reflexão, critérios de julgamentos e orientações para a ação social do homem que visam ao desenvolvimento de uma justiça social para todos.

A encíclica *"Rerum Novarum"*, que significa "Das Coisas Novas", do Papa Leão XIII, de 1891, dá início ao Ensino Social Cristão na reflexão das relações capital/trabalho, essas "Coisas Novas" que a sociedade européia passava a viver no final do século XIX. Neste momento o Mundo Ocidental, e portanto também a Igreja, encontrava-se diante de um processo histórico onde significativas mudanças estavam em curso, principalmente uma nova concepção de Estado, sociedade e por conseguinte de pessoa humana. Surgia aqui uma nova forma de propriedade, que para o mundo moderno é "natural", mas que como tantas conceitos foi historicamente construído, a propriedade privada, e uma também nova forma de trabalho, o assalariado, forma hoje dominante.

Desde então várias foram as encíclicas papais destinadas a analisar a conjuntura do seu tempo, e oferecer aos cristãos juízos sobre a modernidade. Com esse arcabouço teórico é elaborado o conteúdo programático da disciplina desenvolvido com os engenheirandos, dando-se ênfase a três princípios básicos, o Princípio Personalista, o Princípio da Solidariedade e, o Princípio da Subsidiariedade. □

A UNIVERSIDADE, A PASTORAL E O TRABALHO SOCIAL

Profª Ana Cláudia Souza
Membro do Departamento
de Ciências Sociais e
Jurídicas do Centro
Universitário da FEI

A UNIVERSIDADE, A PASTORAL E O TRABALHO SOCIAL

Realizou-se de 20 a 22 de junho de 2005 no campus SBC do Centro Universitário da FEI, a Oficina "Pesquisa Social nas Universidades Jesuítas". A organização foi do NEAL/Unicap e Centro Universitário da FEI.

Já foi publicado um relatório com as apresentações das entidades participantes: Centro Universitário da FEI, Universidade Católica do Uruguai, PUC do Rio de Janeiro, Faculdade São Luís (SP), Unisinos e Unicap.

Reproduzimos aqui os pontos de destaque da pesquisa social do Centro Universitário da FEI e algumas conclusões.

PESQUISA SOCIAL NO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI



PRINCIPAIS TÓPICOS DAS APRESENTAÇÕES

Participantes / apresentadores

Prof. Msc. Ailton Pinto Alves Filho
Profa. Msc. Carla Andréa Soares de Araújo
Prof. Msc. Giorgio Arnaldo Enrico Chiesa
Prof. Msc. Kurt André Pereira Amann
Profa. Dra. Rivana Basso Fabbri Marino

Alguns pontos de destaque

Em grande medida, as atividades de pesquisa da FEI são voltadas para o levantamento de, e atendimento a necessidades locais (da área do ABC paulista), já que, historicamente, a instituição sempre foi muito ligada às indústrias dessa região. Em geral, as atividades de pesquisa são de cunho técnico - a maior parte dos pesquisadores são da área das engenharias - mas as equipes começam a sentir a necessidade e a tentar aprofundar os aspectos teóricos e conceituais relacionados com os campos da ética e da sustentabilidade. Em 2004 foi desenvolvida uma pesquisa conjunta com o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo - regional São Bernardo do Campo, o SESI e uma empresa, para mapear as ações de responsabilidade social das indústrias locais e identificar novas possíveis áreas de ação, para ampliação da cultura e práticas de Responsabilidade Social Empresarial.

Vem sendo dada atenção especial ao aspecto da educação ambiental na universidade e a ações voltadas para a implementação local da Agenda 21. Trata-se de um esforço de mobilização da comunidade acadêmica em atividades de ação comunitária, com vistas à minimização dos impactos da expansão urbana desorganizada, que põe em risco um dos principais mananciais de água da Região Metropolitana de São Paulo - a Represa Billings, localizada no município de São Bernardo do Campo. Para isso, a FEI desenvolve um Programa de Ações Sociais de Extensão, que mobiliza professores e alunos em projetos científicos ou tecnológicos, voltados para a busca de soluções para problemas da população, especialmente no que respeita à integração de bairros informais localizados nas proximidades da represa. Essas ações incluem:

- ◆ urbanização de favelas - ecoedificação
- ◆ recuperação das margens dos córregos

- ♦ coleta seletiva de lixo
- ♦ geração de eletricidade com utilização de energia solar
- ♦ implantação local da “Agenda 21”

Como exemplo, cita-se um “aquecedor solar popular”, de construção simples e barata, tendo um protótipo sido construído com gasto de apenas R\$150,00.

Outros projetos de extensão são dignos de registro:

- ♦ Programa de Apoio a Arranjos Produtivos Locais, desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Industriais da FEI
- ♦ Programa de treinamento e orientação de pequenos empresários (consultoria a microempresas).
- ♦ Parceria com órgãos públicos para urbanização de favelas com valorização da pessoa.
- ♦ Pico Usina Hidroelétrica - “construção” de dispositivo para geração de pequenas quantidades de energia elétrica através do aproveitamento de pequenas correntes de água, para atendimento de comunidades esparsas e isoladas, não atendidas por outras fontes.
- ♦ Projeto Casa Edimar - curso básico de informática para inclusão digital e inserção no mercado de trabalho, de jovens de baixa renda.
- ♦ Reforma da Creche Oswaldo Alexandre.

Alguns pontos da sessão de conclusões e sugestões

Em opinião praticamente unânime, a realização da Oficina foi considerada como altamente positiva, sob os seguintes pontos de vista:

- ♦ a oportunidade de aproximação entre as instituições participantes, especialmente pelos contatos diretos entre os responsáveis pela pesquisa social;
- ♦ a troca de experiências e a descoberta de áreas de afinidade e de possibilidades de cooperação;
- ♦ o elevado nível de eficiência e simpatia da equipe do Centro Universitário da FEI, que garantiram a criação de um ambiente de trabalho e interação social altamente positivo.

A Profª Carla de Araújo, do Centro Universitário da FEI, sugeriu como tema de interesse a questão da *Ética e do Desenvolvimento* - sugestão apoiada também pelo Pe. Follman, da Unisinos.

Em seus comentários finais de avaliação do Encontro, a Coordenadora Geral, Rivana Marino, do Centro Universitário da FEI, apontou para três vertentes de recomendações que se podem formular:

- ♦ uma primeira, mais genérica, seria a de se aprofundar a articulação entre as instituições participantes através de uma rede de contatos via e-mail, aproveitando-se os relacionamentos pessoais surgidos no Encontro e a descoberta de áreas de afinidade ou interface de interesse entre os trabalhos individuais dos participantes;
- ♦ a segunda, já mais consensual, diz respeito à conveniência de adoção do curso sobre Pobreza da AUSJAL como foco de convergência e aproximação entre as equipes que trabalham o tema;
- ♦ finalmente, uma terceira diz respeito à sugestão de novos temas que, dependendo dos interesses específicos das equipes e/ou pesquisadores individuais, poderiam servir de base a trabalhos articulados, como é o caso dos “arranjos familiares” e dos “estudos de violência”. □

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Prof. Mgr. Guy-Réal
Thivierge
Presidente do Centro
Católico Internacional de
Cooperação com a UNESCO



HUMANO NO CENTRO DO MUNDO

Introdução à Terceira Conversação do CCIC – 2005

O encontro de hoje nos propõe ainda mais especificamente refletir e debater sobre o vínculo entre o ser humano e a cultura, sobre a evolução, a transformação e mercantilização das culturas na modernidade, os desafios vinculados à sua imensa diversidade, a seu encontro com os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias. A cultura, recordemos, é uma das dimensões essenciais da vida humana e por isto, do humanismo autêntico, pois ela é a forma específica de ser e de existir dos homens e mulheres de todos os horizontes e de todos os tempos.

Desejo deixar falar o próprio Papa João Paulo II que aqui no recinto da UNESCO em 2 de junho de 1980 dirigiu ao mundo um vibrante apelo à reflexão sobre os eixos preferenciais do compromisso desta instituição, entre os quais, a cultura. Escutemo-lo e permaneçamos atentos à forma pela qual trata dos termos de problemática que nos interessa.

“A significação essencial da cultura... consiste no fato de que é uma característica da vida humana. O homem vive realmente uma vida humana graças à cultura. A vida humana é cultura também no sentido de que o homem se distingue e se diferencia através dela de tudo o mais no mundo visível: o homem não pode prescindir da cultura.

O homem vive sempre segundo uma cultura que lhe é própria e que, por sua vez, cria entre os homens um vínculo que também lhe é próprio, determinando o caráter inter-humano e social da existência humana. Na unidade da cultura, como modo próprio da existência humana, se enraíza ao mesmo tempo a pluralidade da cultura no seio da qual vive o homem. Nesta pluralidade, o homem se desenvolve sem perder contudo o contato essencial com a unidade da cultura como dimensão fundamental e essencial de sua existência e do seu ser.

O homem que, no mundo visível, é o único sujeito da cultura, é também seu único objeto e termo. A cultura é aquilo pelo qual o homem, enquanto homem, se torna ainda mais humano. A cultura situa-se sempre em relação essencial e necessária ao que é o homem, enquanto a sua relação ao que possui, às suas posses, é não somente secundária como também completamente relativa. Tudo o que o homem possui não é importante para a cultura, só é criador da cultura na medida em que ele por intermédio do que tem, pode ao mesmo tempo ser mais plenamente homem, tornar-se mais plenamente homem em todas as dimensões da existência, em tudo o que caracteriza sua

Fonte: *El Mes en la UNESCO*,
abril-junio de 2005, págs. 5-6.

humanidade...O homem, e somente ele, é o ator ou artesão da cultura; o homem e somente ele, se expressa nela e nela encontra seu próprio equilíbrio.



Os que aqui estamos presentes nos encontramos no terreno da cultura, realidade fundamental que nos une e que está na base da elaboração e das finalidades da UNESCO. Devido a isto nos encontramos em torno do homem. As culturas humanas refletem, não há dúvida, os diversos sistemas de relações de produção; contudo, não é este ou aquele sistema o que está na origem da cultura, mas o homem, o homem que vive no sistema, que o aceita ou tenta modificá-lo. Não se pode pensar uma cultura sem subjetividade e sem causalidade humana; no âmbito cultural, o homem é o fato primeiro, o homem é o fato primordial e fundamental da cultura.

Eis aqui uma base suficiente para compreender a cultura através do homem integral, através de toda a realidade de sua subjetividade. Também - na área do agir - a base suficiente para buscar sempre na cultura o homem integral, o homem completo, em toda a verdade de sua subjetividade espiritual e corporal." **

E o Santo Padre encerrou seu discurso com uma exclamação do fundo da alma: "Sim, o futuro do homem depende da cultura! Sim! a paz do mundo depende da primazia do Espírito! Sim! O futuro pacífico da humanidade depende do amor!" □

Programas de
MESTRADO
reconhecidos pela CAPES
pós-graduação

ADMINISTRAÇÃO
Áreas de Concentração
– Marketing
– Organizações

ENGENHARIA ELÉTRICA
Áreas de Concentração
– Inteligência Artificial Aplicada à Automação
– Dispositivos Eletrônicos Integrados

ENGENHARIA MECÂNICA
Áreas de Concentração
– Materiais e Processos
– Produção
– Sistemas de Mobilidade

Secretaria – Engenharia
campus SBC: Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
B. Assunção – 09850-901 – SBCampo – SP – Tel.: (11) 4353-2910
E-mail: mestrado.eletrica@fei.edu.br / Mestrado.mecanica@fei.edu.br

Secretaria – Administração
campus Liberdade: Rua Tamandaré, 688 – Liberdade
01525-000 – São Paulo – SP – Telefax: (11) 3207-6800
E-mail: mestrado.adm@fei.edu.br
www.fei.edu.br/mestrado

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

(**) *Discurso de Sua Santidade o Papa João Paulo II por ocasião de sua visita à sede da UNESCO, em 2 de junho de 1980, excertos dos §§ 6-8.*

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Sr. Eduard Simons
Dept. de Relações
Exteriores da Radboud
University, Holanda.*

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO



A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA E DA PESSOA HUMANA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Comecemos com o esclarecimento dos termos:

TIC: Tecnologias da informação e da comunicação; aqui mais especificamente o fenômeno do microcomputador pessoal em relação à Internet.

Cultura: Os valores, normas, crenças e opiniões compartilhados ou comuns de uma sociedade ou grupo, que determina a visão do mundo e o comportamento de todos os membros desta

(*) Fonte: *El Mes en la UNESCO* nº 57
abril-junio de 2005, págs. 7-12.

sociedade ou grupo.

A arte e seus produtos em um amplo sentido (literatura, música, artes gráficas, artes de representação).

Pessoa humana: Valor central da criação e da sociedade e por este fato o ponto essencial da atividade e dos comportamentos humanos. Este valor central implica o direito inalienável do ser humano à dignidade, à justiça, à igualdade, o acesso à informação e ao conhecimento, o desenvolvimento dos talentos e o bem-estar físico e espiritual.

As perguntas:

1. As TIC favorecem ou não a mercantilização da cultura?
2. As TIC conduzem a uma globalização ou homogeneização da cultura?
3. As TIC favorecem ou ameaçam os valores da humanidade como os implicados na noção de pessoa humana?

1.

As TIC favorecem ou não a
mercantilização da cultura?

À primeira vista, a resposta para esta pergunta pode ser claramente afirmativa: as TIC, e especialmente a Internet, são uma forma de 'super instrumento' para obtenção da informação e da comunicação, e de fato constitui um meio importante que facilita a mercantilização e a comercialização em geral. Antes de mais nada, a comunicação entre o provedor e o cliente está no centro do processo de mercantilização e é o elemento decisivo de seu êxito, em especial em duas direções: numa, os produtos a comercializar

devem ser comunicados corretamente e de forma atraente para o cliente potencial (publicidade); noutra, é muito importante a possibilidade de o cliente entrar em contato com o provedor. A Internet é a campeã histórica destes dois aspectos: nunca até agora, um instrumento de poder e envergadura semelhante esteve à disposição da humanidade e portanto não é surpreendente comprovar que a Internet seja considerada pelas empresas como o principal meio de difusão de seus produtos e serviços tanto de retorno quanto de suporte. A Internet aumentou pois, consideravelmente, as oportunidades de mercantilização, de poder e extensão das empresas e isto também é válido para os produtos e manifestações da cultura.

Todavia, isto é apenas um aspecto da questão. Pode-se perceber que na atualidade há desenvolvimentos importantes baseados na Internet que têm como objetivo chegar a uma descomercialização da cultura, assim como a uma cultura de descomercialização. Para ilustrar este ponto, tomemos um exemplo real do mundo acadêmico. No interior do mundo acadêmico surgiu o “movimento de livre acesso” que propugna que a humanidade tenha livre acesso às publicações acadêmicas. Os princípios básicos e regras fundamentais foram elaborados no que se chamou de *Declaração de Berlim sobre o livre acesso ao conhecimento nas Ciências e Humanidades* elaborado em outubro de 2003 por iniciativa da Max Planck Gesellschaft.

O movimento de livre acesso é um bom exemplo do que se poderia chamar de uma *correção ética*, graças às TIC, de uma forma excessiva de mercantilização de cultura. Há outros exemplos, como a revolução MP3, o livre compartilhamento da música graças à Internet para todos os usuários no mundo. São uma reação não comercial contra a excessiva mercantilização de produtos culturais.



As TIC conduzem a uma globalização ou homogeneização da cultura?

A Internet foi acusada de ter provocado um *tsunami* da cultura liberal ocidental em todas as partes do mundo, ameaçando e até destruindo as culturas locais e regionais.

As cifras parecem reforçar esta tese; cerca de 85% das páginas da WEB disponíveis na Internet estão em inglês e a grande maioria delas se encontra na Europa e Estados Unidos.

Mas a realidade é um pouco mais complexa e é necessário situar as coisas numa perspectiva real, o que amiúde é esquecido pelos detratores das Novas Tecnologias que parecem temer que no futuro só subsistirão como objetos culturais os logotipos das companhias comerciais ocidentais e que as tradições boas antigas e ricas da criatividade cultural e da sabedoria indígena serão eliminadas pelas ondas desumanizantes da globalização ativada pela Internet.

Em primeiro lugar: somente 10% da população mundial está conectada à Internet. Quer dizer que numerosas culturas nem são afetadas pelo tsunami ocidental. Na África, continente de numerosas culturas indígenas apenas 1 % a 2% da população está conectada.

Segundo: ao mesmo tempo que é um veículo da cultura ocidental, a Internet representa um instrumento fácil de manobrar, para que outras culturas possam difundir-se e fazer-se conhecer no mundo.

Grande quantidade de grupos e culturas antes quase desconhecidas torna-se conhecida hoje pela Internet. O reino de Buganda, na Uganda central, por exemplo, que existe há séculos com suas próprias identidades e tradições culturais e sociais tem hoje um belo site na WEB cheio de informações à disposição de todo o mundo (<http://www.buganda.com/buganda.htm>).

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Terceira observação, um pouco mais ética: reajustes, modificações, inclusive o desaparecimento de culturas locais não são necessariamente lastimáveis. Por exemplo, uma cultura não tem o direito de propagar ou praticar violações dos direitos humanos mais fundamentais. Se a Internet, graças a uma informação conscientizante e à sua capacidade de organizar o interesse nacional e de criar grupos de pressão, pode contribuir para o desaparecimento de tais violações e deste modo reajustar a cultura em questão, então isto constituirá um fator positivo.

Contudo, creio que a longo prazo a Internet se converterá numa das forças conducentes a uma globalização cultural. Mas ainda é apenas um instrumento e as TIC como tais não começaram este processo, pois sabemos que há séculos o Ocidente difunde em todo o mundo seu sistema educacional, político e econômico. É claro que a Internet facilita e acelera este processo, mas ao mesmo tempo oferece os meios e as possibilidades de aumentar o reconhecimento e a preservação a longo prazo das realidades e produtos culturais - provenientes ou não do Ocidente - que do contrário teriam sido condenados ao esquecimento ou a uma destruição definitiva. Se a globalização cultural significar a difusão mundial e a promoção dos direitos fundamentais do homem e a erradicação da opressão, da ignorância e superstição, então deverá ser reconhecida como uma virtude e um benefício, em vez de ser um demônio. Estou convencido de que a Internet pode ser, e é efetivamente, um instrumento formidável para conseguir esta "globalização positiva" e ao mesmo tempo a preservação dos valores e práticas tradicionais das culturas locais.

A Internet é um lugar de reflexão pública virtual, uma rede de cultura e de ciência, que serve como meio de reflexão sobre os atuais desafios globais da civilização humana, como a destruição do equilíbrio

ecológico, os impactos sociais das epidemias e da droga ou do terrorismo.

3.

As TIC favorecem ou ameaçam os valores da humanidade implicados na noção de pessoa humana?

Dignidade - Justiça e Igualdade - Acesso à informação e ao conhecimento - Desenvolvimento dos talentos - Bem-estar físico e espiritual.

Dignidade

Neste aspecto o resultado parece ser negativo: a Internet é conhecida pela maré de conteúdos imorais (pornografia, racismo) nos quais os seres humanos são tratados e apresentados como objetos utilizáveis, mercantilizados e até repugnantes.

Justiça e igualdade

Aspecto positivo: A Internet pode ser instrumento de conscientização e "descoberta" da injustiça e da desigualdade existente no mundo e um instrumento eficaz para a organização de grupos que combatem os males sociais.

Aspecto negativo: As TIC produzem suas próprias novas desigualdades entre as pessoas, e mais especificamente, podem criar cidadãos de segunda classe numa sociedade baseada no conhecimento e na informação como a Internet atualmente a modela.

Mencionemos a "fratura digital", aquela desigualdade existente entre o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento quando se trata de acesso às TIC, tanto no que se refere à disponibilidade de equipamento quanto à destreza no uso deste equipamento.

O direito à informação e ao conhecimento

Nunca em toda a história uma tal abundância de informação direta e facilmente acessível esteve à disposição da humanidade, como é caso desde o aparecimento das novas tecnologias da informação e da comunicação: o armazenamento digital ou eletrônico da informação originou uma revolução comparável somente à invenção da imprensa.

Segundo os gurus da Internet, a humanidade entrou na galáxia pós-Gutenberg. Um microcomputador portátil pode facilmente armazenar a quantidade impressionante de 50.000 livros, 25.000 canções (o equivalente a mil CDs musicais) ou 100 filmes cinematográficos. Em termos gráficos, numa máquina de 2 quilos posso levar em livros o equivalente a 4 caminhões de 10 toneladas completamente cheios.

E, contudo, há um inconveniente neste *paraíso de informação*: pela primeira vez na história parece que chegamos ao ponto de que a quantidade de informação direta separa a capacidade de controle do cérebro humano. Em outros termos, parece emergir uma incompatibilidade entre nossas possibilidades digitais e biológicas.

O desenvolvimento de talentos

Aqui me limitarei à educação a distância. A avaliação é muito positiva: a educação a distância oferece a milhares de pessoas oportunidade de aprender.

Isto é de imensa importância para países em desenvolvimento: a educação virtual pode suprir lacunas nas instâncias locais em cursos presenciais. Mesmo no mundo desenvolvido a educação virtual adquirirá cada vez mais importância na *educação permanente*.

A educação virtual pode ser de excelente

qualidade: as experiências levadas a cabo na universidade de Phoenix, demonstram que os estudantes "eletrônicos" obtêm resultados freqüentemente melhores que seus colegas que seguem um curso "normal" na mesma área. E para aqueles que temem uma perda de contatos interpessoais entre estudantes, uma pesquisa holandesa demonstrou que a comunicação entre estudantes de um curso virtual e estudantes e docentes é mais freqüente e de qualidade superior à de uma situação de classe tradicional. Uma observação: os estudantes virtuais têm tendência de conhecer melhor a vida pessoal de uns e outros (apesar de jamais se terem encontrado) que os estudantes tradicionais.

Bem-estar físico e espiritual

As TIC favorecem ou ameaçam nosso bem-estar e psicológico?

Em relação ao bem-estar físico, a resposta é evidentemente positiva. As TIC podem melhorar qualitativa e quantitativamente os cuidados médicos em geral, especialmente nos países emergentes. Exemplos concretos:

A Internet oferece aos profissionais da saúde a possibilidade de solicitar on line a assistência de um especialista em outra parte do mundo quando se trata de diagnósticos ou operações complicadas.

Do mesmo modo os médicos podem através da Internet acessar as bases de dados emergentes que descrevem e analisam milhares de casos práticos.

Podem organizar-se com maior eficácia campanhas de saúde e prevenção dirigidas ao público graças às TIC.

Conseqüências mentais e psicológicas das TIC

Aqui a resposta é mais complexa e não tão completamente positiva.

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Em resumo, correndo o risco de simplificação, pode-se dizer que os problemas derivam da base característica do uso das TIC: a exposição descontrolada do indivíduo ao “dilúvio” de informação.

Há apenas dez anos o “horizonte da informação” dos indivíduos estava muito determinada por situações locais e muito especialmente pela influência de seus mentores (pais, educadores) e pela proximidade dos “portadores de informação” (livros, revistas) em seu meio ambiente imediato (biblioteca, lojas). A Internet modificou espetacular e definitivamente esta situação. A partir de agora tudo está absolutamente à disposição de um usuário inteligente. Não há limites para a quantidade de artigos, pontos de vista, livros ou conteúdo multimídia em qualquer área ou tema. E tudo sem real controle ou orientação de um guia moral intelectual ou por autoridades políticas. Por assim dizer, a humanidade encontra-se subitamente numa *selva informática* de proporções até agora desconhecidas e galácticas, para retomar de novo esta analogia. É claro que esta comoção revolucionária poderá ter sérias consequências para o indivíduo:



- ◆ um acesso descontrolado ao “lixo informativo” na Internet pode ser perigoso para a *saúde moral* do indivíduo;
- ◆ um confronto sem orientação com a galáxia de informação pode conduzir a um estado maior ou menor de *permanente ansiedade*: o indivíduo sabendo que há provavelmente “muito mais “informação e material importante a explorar, mas ao mesmo tempo consciente de que nunca poderá dominá-lo completamente, pode terminar caindo num estado de permanente impaciência;
- ◆ isto pode também conduzir à *diminuição* da prática e portanto da *capacidade intelectual de reflexão*: com tal quantidade de informações interessantes, só haverá tempo para uma leitura em diagonal ou de uma busca superficial do conteúdo. Uma reflexão intelectual em profundidade poderá tornar-se cada vez mais rara e ser considerada como perda de tempo pelos internautas;
- ◆ declínio de interações sociais (interpessoais) diretas: a Internet oferece ao indivíduo um mundo novo e que engloba tudo, um mundo na qual ele encontre mais diversão e distração do que no mundo “normal” e isto pode levar à diminuição do interesse de participar neste último e portanto a um isolamento social.
- ◆ o grupo de referência social passa do plano local cotidiano ao camarada virtual na Internet. Isto produz um estado mental de desestabilização social.

- ♦ terminemos com um aspecto positivo. O uso da Internet pode levar a uma atitude de maior tolerância e compreensão em relação a outras culturas e grupos. Graças aos foros de discussão, aos e-mails, o usuário da Internet encontra gente interessante de todas as culturas do mundo e deste modo desenvolve uma atitude e uma capacidade de considerá-los como seres humanos de igual valor.

Conclusões

Os desafios para o futuro:

1. Encontrar o caminho para regulamentar ao mesmo tempo o aprovisionamento e o acesso ao conteúdo da Internet, sem violar os direitos fundamentais da “liberdade de imprensa” e o direito à informação e ao conhecimento.

Isto poderá levar à:

- criação de uma autoridade internacional capaz de elaborar linhas de conduta.
- instalação de instrumentos tecnológicos ou de mecanismos para bloquear o conteúdo proibido ou imoral.

2. Encontrar os meios para estruturar e ordenar o “excesso” de informação na Internet de tal maneira que o usuário possa eliminar facilmente as informações supérfluas e possa fazer distinções qualitativas de informações dadas.

Neste caso, a tecnologia deve ajudar-nos através do desenvolvimento do chamado “WEB semântico”, uma Internet na qual se possa encontrar inteligentemente a informação buscada. A criação deste “WEB semântico” compreende duas etapas:

- a criação por especialistas oriundos da comunidade acadêmica de dicionário de metadados ou de ontologias concernentes às diferentes áreas de conhecimento e da atividade humana.
- a criação de programas capazes de compreender e de interpretar estes metadados.

3.

Encontrar e elaborar pedagogias adaptadas ao indivíduo da sociedades das TIC.

Aqui, a questão essencial é saber como corrigir ou compensar as “perdas” sociais e psicológicas originadas pela revolução das TIC. E o que está em jogo é, entre outras coisas:

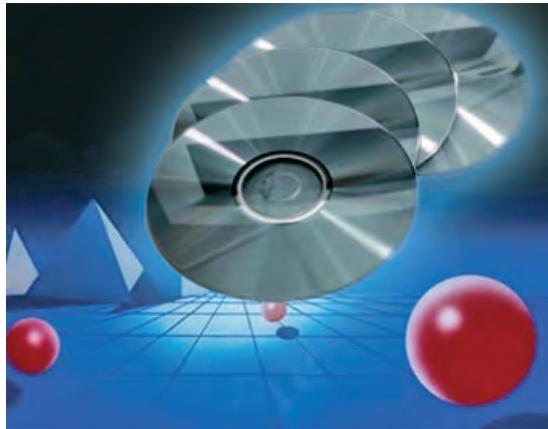
- como estruturar a educação dos valores e transferir os valores para uma época de diminuição de interações pessoais (sociais), de uma carência de interesse por uma reflexão intelectual, inclusive o possível desaparecimento dos livros como meio de comunicação.
- como encontrar as compensações ou aceitar os contatos interpessoais em diminuição na formação do ser humano. Aqui trata-se de um aspecto considerado sempre como crucial na formação emocional e psicológico da pessoa.

Ficam aqui as questões:

Como preservar nossas raízes e nossa herança cultural “gravada para a posteridade em livros” para as gerações das TIC?

O que vai acontecer se esta posteridade não estiver mais interessada nos livros e na capacidade reflexiva para poder realmente compreender o seu conteúdo? □

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO



A REALIDADE VIRTUAL NUMA CULTURA COMPUTACIONAL

O grande estudioso das tecnologias eletrônicas de comunicação, Marshall McLuhan sistematizou sua contribuição para entender as implicações culturais das tecnologias de comunicação formulando quatro questões. Segundo McLuhan estas quatro questões podem ser feitas a respeito de qualquer tecnologia, especialmente as de comunicação. A primeira é: "o que a tecnologia estende?" Por exemplo, o automóvel é a extensão das pernas, o telefone, da voz. A segunda pergunta é "o que a tecnologia descarta?" De novo, o automóvel tende a reduzir as caminhadas e torna as carruagens obsoletas e o telefone torna desnecessários o telégrafo e os pombos-correio. A terceira pergunta é "o que se recupera (reabilita) com esta tecnologia?" Automóveis fazem renascer o senso de aventura e telefones o senso de comunidade com parentes e amigos que moram longe. A quarta pergunta é:

"Levada aos limites de seu potencial, o que a tecnologia poderia reverter?" Por exemplo, o uso expandido do automóvel provoca congestionamentos que revertem o centro do comércio do centro da cidade para os bairros e fazem reviver o gosto por um estilo de vida de pedestre e as freqüentes chamadas telefônicas do telemarketing suscitam um desejo de solidão.

A minha intenção é de alerta. Espero ajudar pessoas de fé cristã a entender e orientar transformações culturais que acompanhem as novas tecnologias de comunicação, analisando as quatro questões de McLuhan, a sua tétrade, à Internet e à realidade virtual. Como pessoas de fé, que somos participantes nas novas tecnologias de comunicação, temos interesse legítimo de entender e guiar os desenvolvimentos culturais que as acompanham.

Podemos resumir o ensinamento da Igreja sobre a nova tecnologia de comunicação em três pontos: aplicação das Escrituras e de linguagem bíblica a estas novas tecnologias de comunicação; um esforço para chamar a atenção ao impacto cultural tácito das novas tecnologias de comunicação; uma afirmação destas novas tecnologias como dom de Deus mas com realismo sobre as possibilidades de abuso.

O que a Internet amplia?

Muitas coisas de uma só vez. O e-mail amplia e acelera o correio e o telefone. É intensificado o acesso à comunicação de massa, especialmente jornais, notícias da televisão e programas de entretenimento. Multiplicam-se as oportunidades para distrações (lazer) escapistas. É possível passar o tempo nos video-games da mais variada espécie, fazer apostas e ver clipes de filmes. A Internet amplia nossa capacidade de folhear revistas, olhar coleções de arte e fotos, ouvir programas de rádio e gravações musicais, com um grau significativo de imediatismo.

(Virtual Reality in a Computer Culture
Gregory R. Beabart, Departmente of
Philosophy, Saint Louis University

Computers, Artificial Intelligence,
Virtual Reality
Proceedings of the ITEST workshop,
October 15-17, 2004
TEST Faith / Science Press 2005
p. 57-81

A Internet amplia a interatividade. Um internauta nos Estados Unidos não terá dificuldade de ler um jornal online da Austrália e participar de um fórum com australianos respondendo às notícias. Mesmo nas atividades escrivanas, é possível desempenhar um papel ativo e ter a sensação de manter o controle.

A Internet expande a descentralização. Torna possível para quase todos, mesmo sem autoridade ou títulos, ter uma presença igualitária na rede. Ela pode receber informação de repórteres amadores. É possível, com o mecanismo de busca, acessar índices e catálogos.

A Internet amplia a capacidade de participar numa discussão pública e ao mesmo tempo manter-se um observador não engajado.

A Internet, pelos e-mails, torna possível manter contacto com amigos, família e associados que estejam separados por longas distâncias. Além disso a Internet possibilita a comunicação com pessoas que moram longe mas que têm interesses semelhantes, a ponto de criar uma afinidade com outros participantes em comunidades virtuais.

A Internet amplia o comércio tanto em termos de grandes investimentos financeiros quanto em termos de comércio local de pequena escala. A Internet desempenha um papel significativo na globalização dos mercados, contribuindo para que investidores e empresários de diferentes partes do globo troquem recursos, bens e serviços.

Em resumo, a Internet é multifacetada em sua capacidade de desenvolver interatividade. Na verdade, esta é a maior razão do seu crescimento tão rápido a partir da década de 90.

o que a internet desestimula ou torna obsoleto?

Ainda que a Internet esteja na sua infância, já podemos detectar alguns pontos da maneira como a

Internet diminui outras atividades e tecnologias de comunicação. Seguramente, hoje em dia não é uma boa época para vendedores de encyclopédia. De acordo com Jeffrey Cole da UCLA o uso da Internet está reduzindo o tempo de ver televisão. Podemos esperar que o uso da Internet possa corroer a propaganda de uma só fonte, os monopólios de imprensa e a paciência para formas lentas e menos excitantes de pesquisa. Muitos esperam que o aumento do uso da Internet provocará a redução dos contactos presenciais.

Adolescentes passam horas usando o "Instant Messenger" em vez de falar ao telefone. Nas universidades (americanas) é comum os estudantes permanecerem em seus aposentos com o "I.M." e jogar conversa fora com amigos; alguns deles podem estar no mesmo dormitório e outros em diferentes *camps* a quilômetros de distância. Corrigindo provas e trabalhos escritos posso atestar que os padrões do inglês escrito estão sendo substituídos por expressões habituais no Instant Messenger: escrever sem pontuação, não usar maiúsculas, ortografia falha e estranhas abreviações.

Algumas pessoas acreditam que a Internet terá o efeito de diminuir as viagens, substituir lojas de bairro e encurtar os limites do país. Como a internet ainda está na sua infância é difícil determinar em que grau substituirá outras atividades (há um século, era igualmente difícil determinar em que grau, automóveis iriam provocar o declínio, não só da cultura do cavalo e da carroça, como também dos centros das cidades e o crescimento dos bairros). Não compartilho a idéia de que a Internet substituirá as viagens e as pequenas lojas. Pelo contrário, a Internet poderá suscitar mais o contacto com outras pessoas que vivem longe. Muitos sem dúvida usam a Internet para obter informações sobre produtos, mas continuam fazendo compras nas pequenas lojas. Estamos ainda num estágio em que só podemos formular hipóteses sobre o impacto da Internet nestas áreas.

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

A Internet diminuirá a fé religiosa? Sem dúvida é um exagero afirmar esta tese; mas há motivo para preocupação. O largo espectro de escolhas em vistas a produtos e serviços disponíveis na Internet pode ter um efeito de contaminação em relação à religião e encorajar uma abordagem típica do “consumidor”, em matérias de fé. Os dados sugerem que alguns visitantes de sites religiosos parecem estar numa espécie de feira de vendas, pegando e escolhendo elementos de pacotes religiosos personalizados para seguir seus gostos pessoais. A tendência por parte de alguns católicos para ser seletivos em sua adesão ao ensinamento da Igreja é um problema já detectado em outros contextos; seria preciso mais informação para saber em que extensão o problema é exacerbado pela Internet.

Poderíamos dizer que possíveis experiências religiosas no contexto da Internet não substituiriam a interação real e presencial com outras pessoas na fé.

O que se recupera na Internet?

A Internet recupera uma larga gama de atividades e disposições sociais: o velho fórum; interatividade; respostas participativas; leitura; escrever e corresponder-se; pequenas comunidades; acesso ao conhecimento a partir de qualquer local; leilões e representação direta.

Que situações a Internet pode reverter se forem levadas aos limites de seu potencial?

Perguntei a um jovem sacerdote de minha paróquia: Que resultados da Internet estão em oposição aos efeitos esperados? Sua resposta foi rápida. “Destrução dos casamentos”. Explicou-me que estivera tratando com muitas famílias que se desfizeram por

causa da pornografia na Internet. Assim a tecnologia da comunicação que, se supunha, uniria as pessoas, nestes casos as separou.

Gostaria de propor umas poucas possibilidades que considero positivas. Uma vez que a Internet com freqüência envolve escapismo, excesso de informação, alienação e falta de relações interpessoais, creio que é razoável esperar que haverá um anseio por novas formas de vida que estejam para além da cultura da Internet, corrigindo as suas deficiências.

A descrição de alguns estudantes, que foram recentemente meus alunos, pode dar uma idéia disto. Colleen Carroll designa estes estudantes “os novos fiéis”. Eles estão significativamente imersos na cultura pós-moderna, são peritos na Internet e intelectualmente sérios. A sua fé religiosa é central na sua identidade. São atraídos para a fé religiosa que desafia os valores centrais da cultura secular dominante. Um ex-aluno meu declarou: “não queremos um catolicismo desbotado. Queremos uma fé vibrante e rica”. Estes jovens que parecem ser conservadores para seus colegas mais velhos, são atraídos pelo mistério, por ensinamentos testados no tempo, por tradições cheias de significado, por autoridades autênticas e por um modo de vida pelo qual valha a pena viver.

Em 1998 estavam dois deles, católicos convictos e alunos brilhantes, em meu escritório. Já era tarde e um deles lembrou que a nova encíclica “Fé e Razão” devia sair no dia seguinte. “Vamos checar o website do Vaticano para ver se já publicaram”. E estava lá na web. Imprimimos e os estudantes leram alguns tópicos. É o tipo dos estudantes que estou descrevendo: ardorosos internautas e profundamente devotos.

Olhando de um ângulo profundo, a Internet é uma tecnologia humanizante. Permite-nos colher dados rapidamente, ter um conhecimento mais global de nosso mundo, manter relacionamento com pessoas que estão longe, ampliar mercados e assim desenvolver

a capacidade de comprar e vender serviços que melhorem nossas vidas. Mas também não podemos excluir a expectativa de que a Internet alcançará seu ponto de saturação e a partir deste ponto inverterá a tendência. Do mesmo modo como o automóvel deu origem a trilhas para caminhadas, não nos surpreenderemos se uma subcultura de jovens fiéis católicos, imersos na cultura da Internet, mergulharem na reza do rosário numa tranquila meditação. Já se contam websites na Rede que procuram recuperar esta forma de espiritualidade que é meditativa e tradicional, de um jeito diferente do que se costuma ver na Internet.

Conclusão

Com pessoas de fé, é adequado entender e orientar o desenvolvimento da Internet. Em particular devemos continuar a considerar o uso amplo da Internet pode influenciar a cultura e também como nossa participação na cultura da Internet modifica

nossos hábitos e caráter.

A parábola do Bom Samaritano levanta a pergunta “Quem é o nosso próximo?” Na cultura da Internet o significado da parábola parece transformado. Enquanto a Internet é capaz de reforçar a idéia de que cada pessoa humana na face da terra é nosso próximo, não enfraquecerá ela paradoxalmente a idéia de que os que estão perto são nossos próximos? Como a Internet poderá ser uma tecnologia de comunicação que nos ajuda a melhor amar a Deus e nosso próximo? Nós cristãos professamos que Jesus é o Senhor de todas as coisas. Dividiremos nossa experiência da realidade de modo que exista um mundo virtual onde Cristo não seja soberano?

O papa João Paulo II expressou esta questão com as seguintes palavras: “a Internet faz aparecer bilhões de imagens em milhões de computadores ao redor do planeta. Desta galáxia de imagens e sons emergirá a face de Cristo e sua voz será ouvida? Pois só quando sua face for vista e sua voz ouvida é que o mundo conhecerá a alegre mensagem de nossa redenção”. □

ITEST

ITEST é o *Institute for Theological Encounter with Science and Technology*, instituto fundado e dirigido pelo Pe. Roberto Brungs S.J. em St. Louis, Missouri, Estados Unidos. O Pe. Robert Brungs faleceu no início de 2006. Há mais de 15 anos a FEI se associa a este Instituto. Dele recebemos as publicações dos simpósios anuais que realiza e quatro boletins anuais. Por ocasião do falecimento do Pe. Brungs, o Pe. Peters enviou ao ITEST a seguinte mensagem: “Acabamos de receber a notícia do falecimento Pe. Brungs. Amanhã farei menção na Eucaristia em nossa comunidade jesuíta do colégio São Luís, São Paulo, e na do colégio Anchieta de Porto Alegre, onde terei uma reunião. Estamos todos muito unidos aos membros da Companhia de Jesus e do ITEST agradecendo a Deus o dom de sua vida, a serviço do Reino de Deus entre nós. Receba com minha simpatia as condolências e o sentimento de fraterna caridade que a todos invade na plenitude de nossa fé e esperança. Cordialmente em Cristo Jesus Pe. Theodoro Peters S.J., Presidente da FEI, Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros, São Paulo, Brasil.

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO

Vagner Bernal Barbeta
Professor doutor, chefe do
Departamento de Física do
Centro Universitário da FEI



O PAPEL DA EaD NA MELHORIA DO ENSINO PRESENCIAL

Embora a área de Educação a Distância (EaD) não seja nova, só recentemente esse campo da educação passou a ser alvo de pesquisas e discussões por parte da comunidade educacional brasileira. Diversos países têm utilizado há algum tempo esta modalidade de ensino no nível superior, porém no Brasil isso é bastante novo. Mesmo após a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996, em que

essa estratégia de ensino passou a ser oficialmente aceita em todos os níveis e modalidades, muitos pontos permaneceram ainda abertos e sujeitos a controvérsias. Embora nesse período tenham sido implementados diversos cursos utilizando essa modalidade de ensino, somente no final de 2005 é que um decreto presidencial estabeleceu de vez as regras para a área.

É possível encontrar oferta de cursos na modalidade EaD, tanto em instituições públicas quanto particulares. A maioria dos cursos criados em instituições públicas surgiram em decorrência das iniciativas da Secretaria de Educação a Distância (SEED) do MEC, que tem buscado ampliar o uso da EaD no Brasil. Entre os programas dessa natureza, pode-se citar o Pró-Licenciatura, voltado a oferecer cursos de licenciatura para professores que se encontram em serviço e que não possuem a qualificação exigida pela lei, e o projeto da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

No caso de instituições particulares, algumas têm acreditado na EaD como instrumento para a expansão da sua “clientela”, buscando obter, em alguns casos, lucro fácil. Outras têm procurado incorporar a EaD às suas atividades presenciais, através de uma metodologia híbrida, procurando assim manter-se alinhadas com uma tendência no “mercado educacional”. Na verdade, esta tendência à hibridização da educação, que já vinha ocorrendo em outros países, cresceu muito no Brasil após a portaria 2.253, publicada ao final de 2001, que permitiu que cursos presenciais oferecessem até 20% de sua carga horária total na modalidade “a distância”.

Independentemente de “tendências mercadológicas”, que são extremamente discutíveis do ponto de vista pedagógico, existem diversas razões pelas quais todos educadores brasileiros, atuando no ensino superior, deveriam discutir o tema da educação a distância. Uma delas é a possibilidade de se utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)

utilizadas em cursos online, para mudar a estrutura tradicional do processo ensino-aprendizagem, que via de regra ainda impera no ensino superior. O processo ensino-aprendizagem é ainda altamente centrado no professor, cujo papel principal se restringe em muitas situações a de um mero transmissor de informações.

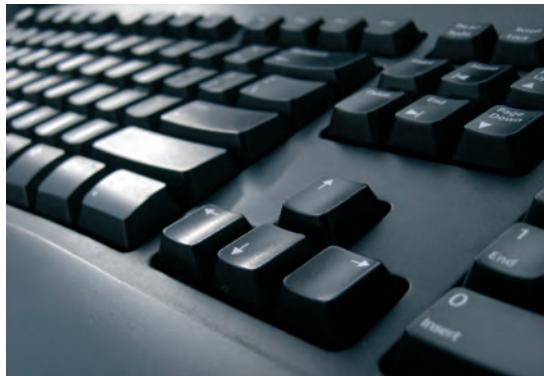
As novas ferramentas disponibilizadas pelas TIC possuem um grande potencial para mudar esse quadro, especialmente aquelas ferramentas desenvolvidas para a implementação de cursos online. Essas ferramentas tornam evidente que uma enorme quantidade de informação encontra-se disponível facilmente, cabendo ao professor o papel muito mais importante de guiar o estudante no processo de filtragem e de transformação dessas informações em conhecimento. Essas ferramentas podem auxiliar os envolvidos no processo ensino-aprendizagem a repensar os seus papéis, oferecendo a possibilidade de se expandir os limites da aula para além do espaço físico e do horário formalmente destinados a ela, através da criação de novos canais de comunicação. Esses canais de comunicação podem ser utilizados também para diminuir a distância emocional e intelectual que existe, muitas vezes, entre professores e alunos. Isso foi chamado por Gordon Moore de distância transacional, e muitas vezes é mais determinante no processo de aprendizagem do que a distância geográfica.

Além do benefício potencial das ferramentas online discutido acima, existe ainda uma série de outras razões pelas quais ferramentas online têm sido discutidas em Instituições de Ensino Superior (IES). Há, por exemplo, uma pressão crescente para que as IES se utilizem desse tipo de instrumento pedagógico. Esta pressão provém muitas vezes do mercado, mas também dos próprios alunos. A realidade de muitos estudantes é a de que precisam manter empregos para pagar os seus estudos, ou para se iniciar no mercado de trabalho.

Deste modo, recursos deste tipo auxiliam estes alunos a se manter em contato permanente com seus colegas e professores, não apenas durante a aula propriamente dita, permitindo uma maior democratização da informação. Na verdade, a possibilidade de se retomar posteriormente a certas informações chaves após a aula, parece ser bastante importante para aumentar a retenção daquilo que foi aprendido.

Devemos mencionar ainda a necessidade de aplicação deste tipo de ferramenta na vida profissional. Com o aumento cada vez maior no ritmo de mudanças de nossa sociedade, a grande maioria dos estudantes necessitará adquirir novos conhecimentos universitários ao longo de suas vidas profissionais. A possibilidade de retornar à universidade para adquiri-los não será possível para muitos, e as TIC podem vir a ser um instrumento extremamente importante para esse processo de “aprendizagem para toda a vida”. Muitas empresas utilizam hoje em dia o e-training como instrumento essencial no processo de qualificação e requalificação de seus profissionais.

Diante desse cenário, o domínio de instrumentos eletrônicos que permitem esse tipo de contato torna-se extremamente importante. Na verdade a possibilidade aberta para que mecanismos de interação entre as pessoas sejam implementados, leva a situações em que o ganho para todos é maior que a soma das partes, principalmente quando uma verdadeira estrutura de cooperação é implementada. Muitos aspectos culturais do homem, dependem desse processo de construção coletiva do conhecimento. Pierre Lévy argumenta que este tipo de construção da cultura é o resultado de uma inteligência coletiva, isto é, é resultante da capacidade das comunidades humanas de produzir, trocar e usar conhecimento. A capacidade de participar em grupos colaborativos, ou de cooperar para se alcançar um objetivo comum, é uma qualidade desejada de nossos estudantes, e não pode ser ensinada por meio de um



curso. Este é um aspecto atitudinal que precisa ser desenvolvido, e as ferramentas das TIC podem ser utilizadas pelos professores para desenvolver esse tipo de comportamento. Devemos lembrar no entanto, que o simples fato de que as pessoas podem se comunicar não significa que elas venham a colaborar. Mais uma vez se observa o importante papel do professor como elemento que irá desenvolver as estratégias para que esse processo de comunicação entre os pares venha a desenvolver com o passar do tempo hábitos de cooperação.

É importante que se esclareça aos estudantes que eles são também responsáveis pelo seu processo de aprendizagem, e mostrar aos professores que novas abordagens precisam ser desenvolvidas e introduzidas nas atividades do dia-a-dia, de forma a fazer com que os alunos se tornem o elemento chave nesse processo de aprendizagem. Este tipo de mudança estrutural é essencial para ajudar os estudantes a se tornarem independentes intelectualmente, um dos mais importantes aspectos da educação superior.

É claro que muitos sistemas de ensino online tentam, na verdade, reproduzir eletronicamente o modelo tradicional de aulas expositivas, com pouco ou nenhuma inovação, o que tem feito com que alguns educadores questionem a respeito da efetividade do

seu uso. Embora este e muitos outros pontos ainda sejam motivo de controvérsia, e continuarão a ser tendo em vista a própria dificuldade de se analisar os resultados de um processo de aprendizagem, não se pode negar, nem fechar os olhos para o impacto que essas ferramentas já têm trazido no ensino presencial tradicional, através desse processo de hibridização do ensino superior.

Talvez a maior dificuldade para se implementar abordagens híbridas com eficiência, seja a ausência de referenciais teóricos para embasá-las. Esta situação é semelhante àquela vivida pela área de educação a distância há alguns anos atrás nos Estados Unidos, onde havia uma clara busca por soluções práticas e de casos de sucesso em detrimento de estudos teóricos. Sem dúvida, é preciso avançar muito nessa questão, já que muitos dos casos relatados nem sempre podem ser aplicados devido à grande diversidade de contextos existentes nos diferentes países e nas diferentes instituições de ensino.

Espera-se que ferramentas online sejam, no futuro próximo, um instrumento essencial em cursos presenciais. Embora as TIC ofereçam possibilidades de melhoria em um curso, a tecnologia por si só não pode assegurar isso, já que métodos de distribuição de conteúdos pouco têm a ver com o resultado do processo educacional. Estas ferramentas não irão transformar um curso ruim em um curso bom, mas podem auxiliar a se repensar a prática pedagógica, apontando suas falhas e tornando mais evidentes problemas que permaneceriam velados em um curso tradicional.

A criação de cursos que misturem o presencial com o “a distância”, pode levar a melhorias, mas oferece também a possibilidade de introduzir uma série de novas variáveis no processo educativo, que necessitam ser repensadas para se garantir cursos de qualidade, decorrendo daí toda a sua importância. □



TECENDO A MANHÃ

*“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.”*

João Cabral de Melo Neto

“Um galo sozinho não tece uma manhã” é o verso que abre o belo poema de João Cabral de Melo Neto, escritor engenheiro da vida e da língua. Entretecendo seus versos, compõe a significativa imagem “luz balão” com que encerra a poesia “Tecendo a manhã”, que pode ser lida também como metáfora da construção de uma sociedade justa, livre e igualitária como figuram os próprios versos em cadeia solidária (e não solitária). A condensação que João Cabral consegue em seu texto poético sintetiza tantos dos anseios das iniciativas que visam a uma ação social não assistencialista, mas de tentativa de emancipação dos sujeitos envolvidos. Do texto ao contexto, o todo brilhante, que se anuncia no engendrar das palavras e na imagem hipotética vislumbrada, incita o sujeito a fazer sua história, a ajudar a tecer a História.

Mas contradições e impasses para pensar um projeto de tal abrangência em quaisquer Instituições de Ensino não faltam. Com a modernidade, as exigências crescentes do mercado de trabalho e o enorme fluxo de informações disponíveis, alunos, professores e funcionários encontram cada vez menos tempo e espaço para afrontar as dificuldades do cotidiano. As consequências para a comunicação e expressão da comunidade interna são imediatas e retroalimentam a apatia dos muitos grupos sociais, cada vez mais fechados sobre seus próprios interesses. Assiste-se, assim, a uma sucessão de discursos solitários (e não solidários), corporativos, que não encontram o outro simplesmente porque um indivíduo não consegue compreender os significados do alheio. Tal isolamento discursivo afasta-nos sobremaneira da “luz balão”, da viabilidade de estabelecer vínculos fraternos e duradouros entre a coletividade necessários à projeção de uma sociedade justa.

Afinal, como pensar em igualdade se não alcançarmos a experiência narrada por um nosso diferente? Se formos insensíveis à problemática que não parte da nossa individualidade? Se não conseguirmos

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO E OS CONTADORES DE HISTÓRIA

Giselle Agazzi
Professora doutora do
Departamento de Ciências
Sociais e Jurídicas do Centro
Universitário da FEI

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO E OS CONTADORES DE HISTÓRIA

construir um diálogo efetivo em lugar de multiplicar inúmeros e vazios monólogos? Se formos incapazes de externar nossas angústias e nossos medos? Enfim, se tivermos bloqueado o instinto básico de sobrevivência humana, a linguagem, que pode impedir atos de violência física e moral e barrar a barbárie?

A questão é antiga e nada original. Já é consensual que a educação deve extrapolar os horários oficiais. Não à toa, cursos de extensão, saraus artísticos, clubes de leitura, oficinas, jogos esportivos proliferam nos muitos Centros Educacionais e parecem afirmar-se como meios privilegiados para a conquista da criatividade, inteligência emocional, autonomia intelectual, cidadania, solidariedade, palavras cujos significados poucos parecem compreender, apesar de tantos almejarem incorporá-las. Acontece que os esforços dos ensinos básico, fundamental e médio não são mais suficientes para cumprir tão complexo objetivo. Também o ensino superior deve assumir essa responsabilidade e não mais partir da imagem de um público-alvo hipotético.

Entre grades curriculares sempre mais exigentes em termos de quantidade de informações, ficam patentes os impasses enfrentados pelos cursos superiores para proporem meios efetivos ao desenvolvimento da comunicação e expressão dos discentes, que se esforçam por aprender a refletir em mundo tão fragmentário e aparentemente a-sintático. De fato, a disciplina “Comunicação e Expressão”, ministrada nos dois primeiros semestres do Curso de Administração do Centro Universitário da FEI, evidencia a preocupação dos que o pensaram diante da condição do atual contexto brasileiro. É certo que se pode desenvolver um bom trabalho nas duas horas aula semanais. E também é certo que muito ainda se pode desenvolver para além dessas.

Dessa evidência, o curso de “Comunicação e Expressão” teve que também procurar novos instrumentos, a fim de apontar outros caminhos para

o estudante conscientizar-se da importância de suas competências lingüísticas. Essa busca teve um término satisfatório graças aos trabalhos que o educador Inácio D’Elboux vinha realizando, então bastante preocupado com a necessidade de a arte invadir a sala de aula através da música, do teatro, das artes plásticas.

Pouco a pouco, diante deste mundo cujo ritmo impede a reflexão mais acurada sobre a linguagem e sobre a realidade, vislumbrou-se o tecido que poderia abrigar nossas expectativas de que os discentes (re)descobrissem a força da palavra na ação e no movimento, como prática privilegiada da cidadania. Intimidados de falarem em e ao público por inúmeros motivos, muitos derivados da crescente fragilidade das relações interpessoais, comprometidas pela competitividade, baixa auto-estima, dificuldade de dominar a língua materna, os alunos mostravam na mesma medida o medo de exporem-se e o desejo de afirmarem-se através de atos comunicativos.

Compreendemos, assim, que poderia ser vital reviver a magia dos “Era uma vez”, que inauguravam um mundo a ser descortinado e a acontecer diante de nossos olhos, para depois encontrarem significações múltiplas na nossa conduta diária. Pesquisar, discutir e contar as narrativas mais antigas e mais novas das civilizações significava memorar o tempo em que era possível confiar na tradição oral, na linguagem e no narrador, sábio por excelência. Seguindo a extensa e profunda atividade de tantos outros grupos que se dedicam à narração de histórias, formar um grupo de Contadores na FEI anuciou-se como vereda fértil para que a arte da palavra reavivasse nossa responsabilidade sobre a ação lingüística que desempenhamos no mundo.

Mas não só. Era imperioso aprender a ouvir o próximo e a trabalhar para o bem comum, a fim de recuperar a genuína vocação da linguagem, possibilitar a vida em sociedade em ambiente diplomático e não hostil.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO E OS CONTADORES DE HISTÓRIA

A projeção desse porvir em que cada qual é apenas parte de um grupo maior para, através da comunicação e expressão, preencher de sentido o mundo adquiriu formas mais claras à medida que dialogávamos com os alunos. Em agosto de 2005, iniciamos os trabalhos dos Contadores de Histórias da FEI, que se estenderá, em quantidade de participantes e de tempo, até 2007. Apoiado pelo Programa de Bolsas de Ação Social do Centro Universitário da FEI, esse núcleo, que teve quatro bolsistas e agora tem oito, já contou com a ajuda de mais de vinte voluntários para conseguir viabilizar o sonho, diurno e concreto, de narrar histórias para comunidades carentes.

A dinâmica para a escolha e preparação do texto e do grupo é bastante árdua. Começamos com exercícios tradicionais de gesto e de voz, passamos por aprofundadas discussões sobre os nossos propósitos, das características das comunidades interna e externa, da leitura e discussão de textos teóricos, da pesquisa de histórias tradicionais ou não, de seminários, de dramatizações, de confecção de figurino, escolha de música, organização e divisão do trabalho.... enfim, a apresentação. Depois, recomposição das experiências e tessitura da nossa vivência coletiva, do nosso toldo iluminado. A partir da pesquisa, leitura e discussão de textos fundadores da arte de contar histórias como "O narrador", de Walter Benjamin, da prática de técnicas como as respiratórias, falar diante do espelho, observar a natureza, participar de jogos, criar e contar textos impossíveis e do fortalecimento do vínculo de confiança entre os participantes, foi possível conceber a primeira apresentação do grupo: a narração da história "Flor de maio", de Cristina Furtado, para quase quinhentas crianças do Hospital do Câncer de São Paulo.

Os depoimentos que depois escreveram os alunos são comoventes. Porque transpiram humanidade ao revelarem os medos e os anseios vividos ao longo dos dois meses de preparação para os trinta minutos de

performance no auditório da Faculdade. O tempo da colheita posterior é inestimável. Tão vibrante experiência fez sulcos profundos na alma de cada integrante e forjou nossa alma coletiva. Foi possível vencer a timidez, ouvir as necessidades de crianças geralmente marginalizadas pela sociedade e comunicar nosso afeto pelo próximo. Foi possível desenvolver a consciência do grupo de como a linguagem atua no mundo e da nossa responsabilidade sobre ela. E era só o começo das atividades do grupo...

A essa primeira experiência, seguiram-se outras: narramos histórias para os idosos do asilo São José, para as crianças da Comunidade da Aclimação, para os calouros do *campus* Liberdade. A sucessão dos eventos trouxe as dificuldades. Os percalços não foram e não são poucos. Todavia, em qualquer projeto que envolva mais de uma pessoa os desencontros são necessários para afinar os instrumentos e procurar o acorde coletivo. Nesse movimento oscilatório, a um só tempo exaustivo e prazeroso, é que vamos ampliando as capacidades de comunicação e expressão dos discentes e de toda comunidade envolvida. Foi possível, assim, acompanhar o desenvolvimento de alunos que, em nossa primeira dinâmica em grupo, não conseguiam sequer fazer breves apresentações de seu próprio histórico. Hoje, quase todos já assumem com plenitude a responsabilidade de estar em cena, com a mão na palavra oral, manipulando-a e fazendo-a acontecer aos olhos de quem quiser ouvir.

Sem dúvida, há que se fortalecer e muito os espaços extra-classes para que tais projetos avancem e aprofundem-se. Não para completar o trabalho discente como normalmente se pensa. Isso deve ser feito pelo próprio aluno em pesquisas, trabalhos em grupos, seminários, inseridos na grade curricular oficial. Mas para fundar o verdadeiro espaço e tempo em que o Ensino Superior acontece: nas relações interpessoais, que se fundam na vivaz e solidária comunicação e expressão das idéias e dos anseios pessoais e sociais. □

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO E OS CONTADORES DE HISTÓRIA

Tábata Custódio Ferreira
Contadora de História da
FEI 2005

RELATÓRIO CONTADORES DE HISTÓRIAS DA FEI

Sou Tábata Custódio Ferreira, aluna do 2º Ciclo de Administração de Empresas no *campus* Liberdade da FEI e fiquei sabendo, através de um comunicado da Professora Giselle Agazzi de Comunicação e Expressão, do Projeto Social - Contadores de Histórias da FEI, e me tornei voluntária, como os demais companheiros do grupo. Venho participando de todas as reuniões realizadas desde o início do Projeto, que teve por finalidade escolher a primeira História que contaríamos em nossa apresentação inaugural ao público.

Dia da apresentação

Confesso que senti um arrepio na espinha dorsal, ao saber que esta nossa primeira apresentação seria para pessoas tão importantes e que mereciam todo o nosso respeito e carinho, as crianças do Hospital do Câncer. A responsabilidade era enorme para nós que estávamos fazendo isso pela primeira vez, mas não tínhamos como medir a alegria que estávamos proporcionando.

Era a primeira vez em um palco, e este estava lotado no dia da apresentação. Lembrei bem do que a Profª. Giselle nos falava enquanto ensaiávamos, “que tudo aquilo era uma brincadeira, para relaxarmos e nos divertirmos com as crianças”. Foi o que fiz ao vestir minha roupa, lembrei dessas palavras e fui para a entrada do auditório. Lá muitas mães puderam me ver e sabiam que estava ali para fazer algo para seus filhos. Surpreendeu-me uma criança, que aparecava ter uns três anos, mas com seu rosto bem marcado pelo sofrimento da doença. Ela me olhou fundo nos olhos,

como que quisesse me dizer algo. Não disse nada, apenas abriu um sorriso enorme que me deixou muito feliz e quase me fez perder a noção de tudo o que estávamos construindo naquele momento. Fui abordada pela sua mãe que me pediu para tirar uma foto ao lado de seu filho, aceitei na hora. Ela me colocou aquela criança frágil e ao mesmo tempo tão forte em meus braços para que ela pudesse registrar esse momento. A criança me abraçou forte, me disse que se chamava André e estava com um sorriso angelical.

Nesse instante, me deu até vontade de chorar, mas não podia, sentia que tinha que transparecer alegria e passar o máximo desta emoção para ele. Eu estava numa situação de quase perder o controle e começar a chorar de emoção, ele sorria à vontade, me segurei e evitei que o meu choro pudesse estragar aquele momento. Tiramos a foto e ele, o André, me abraçou mais uma vez, se despedindo e indo para os braços da mãe novamente. A partir desse momento fui convidada por outras mães para fazer o mesmo com seus filhos, quase me esqueci da apresentação. O tempo passou rápido e o momento da minha entrada chegou. Foi até bom, pois não sabia mais quanto ainda agüentaria em manter aquele “controle emocional todo”.

Ao som da música da Flor de Maio entramos dançando. As crianças tentavam acompanhar a música. Conseguí ver do palco a mãe do André levantando-o para que ele pudesse ver a nossa apresentação. Senti-me estranhamente leve nesse momento. No final da apresentação, já com a música de tema da história, buscamos algumas crianças para dançar conosco no palco, o que foi muito bom. Fomos muito aplaudidos

no final da apresentação.

Agora não quero mais parar de me envolver com eventos assim; fez bem para o meu espírito e ainda rejuvenesci! É claro que o futebol dos sábados à tarde também era gostoso, mas o retorno, às vezes, de dores nas canelas, não se compara com a emoção que conseguimos ter com estas participações. Não custou nada ajudar, só ganhei com esta experiência.

Agradeço à Prof. Giselle e ao Sr. Inácio, por ter nos dado essa oportunidade, esse presente que é o Projeto Contadores de História.

O contador na História^(*)

Após quatro ensaios cheios de discussões e idéias novas, estávamos preparados para o dia da apresentação.

Em uma quinta-feira agitada como todas as outras, com o sol teimando em surgir por entre as nuvens de um dia cinzento, nos encontramos com os rostos pintados nos bastidores de uma festa que estava por se iniciar. No meio de muita agitação e nervosismo, surge uma menina de uns oito aninhos diferente das outras que ali estavam. Ela tinha espaços de um centímetro de cada liso, comprido e preto fio de cabelo, e com a feição não de uma criança, mas de um adulto acostumado com os percalços da vida. Foi aí que eu senti um calafrio gelado no peito, uma bola de tênis parada em minha garganta e meu rosto começou a esquentar. Segurando-me para não causar constrangimento a mim, à menina e a todos os presentes, comecei a me concentrar.

Após meus colegas terem começado a contar a história, eu, que tinha uma aparição pequena, porém fundamental para a mística da história, entrei em cena. Para o meu espanto, foi uma gargalhada geral.

Em um auditório lotado, e em cima do palco, meu olhar se encontrou rapidamente com a mesma menina de antes, mas com uma diferença: ela estava sorrindo.

Foi impressionante a diferença que o sorriso fez na feição daquela menininha sofrida, pois ela se transformou novamente em uma criança feliz e entusiasmada, mas eu acho que por pouco tempo.

Por um sorriso que eu tive a oportunidade de ver e por todos os outros que eu escutei, agradeço fraternalmente a todos do grupo contadores de histórias da FEI, à professora Giselle e ao Sr. Inácio que, juntos, afloraram no meu coração um sentimento humanitário e esperançoso que nós todos nunca mais esqueceremos. Tenho certeza de uma coisa só: essa magia não pode parar. □

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO E OS CONTADORES DE HISTÓRIA

^(*) Marcus Henrique Britto
de Figueiredo
Administração Noturno -
Turma 2B - campus
Liberdade - 2005



O INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS INDUSTRIAS - IPEI E A INTEGRAÇÃO DA FEI ÀS EMPRESAS

Renato Giacomini
Diretor do IPEI e professor
doutor do Departamento
de Engenharia Elétrica do
Centro Universitário da FEI



A situação atual

A integração universidade-empresa é um tema complexo não apenas pelo aspecto cultural, que no Brasil é relevante, como também pela diversidade de meios que se apresentam para sua implementação.

Até bem pouco tempo a política de pesquisa no país vinha sendo conduzida de forma pouco comprometida com resultados no setor produtivo.

Além disso, os empresários olhavam com descrença a competência das universidades brasileiras. O resultado foi uma dissociação dos esforços para a geração de ciência no meio acadêmico e a produção de tecnologia nas empresas. A consequência mais evidente é a alta dependência que as instituições têm de órgãos públicos de fomento e do Estado. Por outro lado, as empresas também dependem demais de tecnologias importadas, que muitas vezes, por seu alto custo, inviabilizam muitos empreendimentos.

Tal dissociação prejudica também a expectativa profissional dos egressos de programas de pós-graduação, pois a definição de linhas e temas de pesquisa nem sempre guarda relação com as demandas do setor produtivo. E é este setor que é o grande empregador de tais profissionais. A questão da integração do setor produtivo com o meio acadêmico parece bem resolvida em países do primeiro mundo. No Brasil estamos ainda longe de um modelo que funcione e de mecanismos que gerem resultados concretos. De qualquer forma, este é um passo necessário que a sociedade brasileira deverá dar para atingir níveis de desenvolvimento que aumentem o bem-estar social.

O Centro Universitário da FEI está atento a todos os movimentos que incentivam e favorecem esta integração. Desde os pequenos programas de ensino de empreendedorismo para alunos de graduação até a participação na criação de parques tecnológicos. E isto onde for possível, com ações locais, regionais e nacionais.

Interação com outras IESs visando ao atendimento empresarial

Em junho último, foi realizada, por sugestão da Presidência da FEI, uma visita técnica ao Instituto Gênesis, que atua amplamente na comunicação da PUC-RIO com o setor empresarial, além de oferecer suporte interno à Universidade para divulgação da cultura do empreendedorismo. Em retribuição, a FEI recebeu em agosto a visita de uma comitiva do Gênesis, que, além de visitar os laboratórios e instalações do IPEI, também foi conduzida à Agência de Desenvolvimento do Grande ABC e às incubadoras da região apoiadas pela FEI.

Em agosto o IPEI recebeu a visita do Prof. Valdecir Jorge A. Leonardo, diretor do Centro Tecnológico do Instituto Mauá de Tecnologia, com o objetivo de estabelecer parceria que permita uma oferta de serviços conjunta e troca de experiências.

No sentido de se pensar a possibilidade de criação de um parque tecnológico na região do ABC, têm sido realizadas reuniões com diretores, reitores e vice-reitores do Instituto Mauá de Tecnologia e da Universidade Federal do ABC, além de representantes do governo paulista.

Encontros das associações ABIPTI, ANPROTEC e ANPEI^(*)

No contexto nacional, a integração universidade-empresa tem sido um tema recorrente nos fóruns que tratam de inovação, de desenvolvimento empresarial e de educação. A FEI tem estado presente nas últimas reuniões da ANPEI, da ABIPTI e da ANPROTEC. O conjunto dessas três associações é conhecido como tríplice aliança, justamente porque há o interesse comum de promover o desenvolvimento das empresas, dos centros de pesquisas e das universidades, por

meio da integração de suas competências.

Parcerias diretas com empresas

Além da participação nos fóruns nacionais, da realização de visitas e intercâmbios de experiências, a FEI, através do IPEI tem ampliado o contato direto com empresas e muito tem sido feito também na integração interna entre departamentos, o que é fundamental para a apresentação de soluções completas para problemas do setor produtivo. Entre os principais projetos com empresas que tem sido conduzidos há o estabelecimento de parceria com as empresas GAFISA e Adalume, da área de construção civil, para apoio a um sistema inovador de montagem de esquadrias em canteiro de obras. Este projeto dará grande visibilidade à FEI, pois trata-se de obra de grande porte e bem localizada em São Paulo (Marginal Pinheiros). Outros exemplos com empresas de destaque internacional referem-se ao desenvolvimento de trabalhos de pesquisa aplicada na área de materiais, com as empresas Mangels e Magneti Marelli, envolvendo alunos e professores do Centro Universitário, e ao oferecimento de consultorias altamente especializadas, com a participação de professores, como a análise de segurança realizada em equipamentos de sinalização metroviária, serviço prestado à empresa francesa Alstom.

Um outro setor em que os contatos têm se intensificado é o de seguros, através da seguradora do Banco do Brasil (Aliança) e sindicato das seguradoras. Mais importante que a efetivação de um contrato permanente para desenvolvimento de serviços e pesquisas, como se pretende, é a reafirmação de postura ética e isenta da Instituição no meio de seguros.

Na área de Engenharia Têxtil, busca-se maior qualificação do laboratório de serviços, em conjunto com a empresa francesa Decathlon, para melhorar suas condições de exportação.

(*) ABIPTI - Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica.

ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores.

ANPEI - Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras.



Há também o desenvolvimento de atividades de consultoria a instituições coligadas, como a Editora Loyola, que é da Companhia de Jesus.

Pequenas e médias empresas

Além do contato com as grandes empresas, a FEI também tem se preocupado com o desenvolvimento regional e tem buscado para isso maior aproximação com pequenas e médias empresas da região, inclusive oferecendo serviços de consultoria a Arranjos Produtivos Locais (APL) geridos pela Agência de Desenvolvimento do Grande ABC. Já foram realizadas mais de 600 horas de consultoria empresarial a pequenas empresas dos APLs, por professores da FEI, através do IPEI. A associação com uma empresa de porte médio da região, a Thermojet, gerou a primeira Proposição de Patente Internacional, para o projeto de uma válvula de controle desenvolvida pela empresa, funcionários do IPEI e professores do Centro Universitário.

Novos Laboratórios

Na área de serviços, recentemente houve a implantação de novas áreas, alinhadas com as competências do corpo docente, como no caso do laboratório de combustíveis (LABCOM) – em parceria com o Departamento de Química – e do laboratório de usabilidade (LEU).

Envolvimento nas questões ambientais e sociais do campus

Está em desenvolvimento a proposta de um projeto de acessibilidade no campus SBC, envolvendo professores dos Departamentos de Engenharia de Produção e Engenharia Civil, com administração do Núcleo de Produção do IPEI (Prof. Giorgio A. Chiesa).

Trabalhamos também na implantação de um sistema da qualidade para o setor de comunicações de nosso

centro universitário, com a finalidade de expandir a cultura do Sistema da Qualidade do IPEI para outros setores.

Apoio efetivo ao desenvolvimento de trabalhos conjuntos entre as áreas de Mecânica e Elétrica.

Na grande maioria das escolas de engenharia, os cursos são conduzidos por departamentos independentes e há pouco trabalho conjunto, o que acaba por limitar bastante as possibilidades de atuação em projetos. Na FEI, o IPEI tem sido um órgão de ligação, através de projetos. Um exemplo claro é o do Projeto MEC (Módulo Eletrônico de Controle para motores a combustão interna). Trata-se do primeiro sistema de injeção eletrônica de combustíveis projetado na FEI e aplicado inicialmente aos Protótipos X-16 e X-17 da Engenharia Mecânica. Foi desenvolvido no IPEI, com a participação de consultores, professores e funcionários e com o apoio de empresas de tecnologia de ponta como a Magneti Marelli e de outras instituições de ensino.

O projeto de controle da propulsão do veículo elétrico X-17 foi desenvolvido da mesma forma. Este veículo foi premiado em competição universitária organizada pela FIA e CBA e tem o recorde de economia de consumo brasileiro. As duas últimas fotos ao lado ilustram o nível tecnológico dos projetos.

Conclusão

O IPEI tem se transformado num importante instrumento de contato do meio acadêmico da FEI com a sociedade. A cada semana, dezenas de empresas são contatadas. Só no setor de serviços são quase 3000 ensaios, testes e calibrações por ano. A FEI continua dinâmica e presente para atender, no que for possível, a indústria nacional; novas formas de integração com o setor empresarial vão surgindo naturalmente. Talvez possamos criar um novo modelo, aplicável também a outras instituições. □



EXPERIMENTO DA FEI É APROVADO PARA A ESTAÇÃO ESPACIAL INTERNACIONAL

A viagem do astronauta brasileiro Marcos César Pontes à Estação Espacial Internacional (EEI) tem uma importância a mais para o Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana (FEI). O foguete que partiu no dia 29 de março do Centro de Lançamento de Baikonour, no Cazaquistão, levou oito experimentos com pesquisas nacionais, entre eles um minilaboratório da FEI, para estudar as reações enzimáticas em ambiente de microgravidade.

Após ter sido aprovado em severos testes, realizados em fevereiro no Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), de São José dos Campos (SP), o projeto da FEI foi enviado para Moscou, na Rússia. Lá, o experimento, submetido ainda a uma última bateria de testes, recebeu aprovação final. Informatizado e controlado eletronicamente, o minilaboratório da FEI, denominado MEK, foi utilizado para estudar os efeitos em microgravidade das enzimas lipase e invertase, utilizadas em grande escala nas indústrias químicas, farmacêutica e de alimentos.

Enzimas - Com o aprofundamento dos estudos na cinética das reações enzimáticas, será possível a geração de conhecimento científico para uma melhor compreensão dos mecanismos de reação, fenômenos de transporte e estabilidade das enzimas, auxiliando na implementação de biorreatores industriais mais eficientes. “O sucesso do projeto deverá contribuir para um melhor desempenho do setor, um importante

Fonte:

- a) *Comunitárias, nº 37 - março/abril 2006, p. 14*
- b) *Informativo CRQ-IV - março/abril 2006, pp 10 e 11*



segmento de pesquisa em biotecnologia", destacou Alessandro La Neve, professor doutor do Departamento de Engenharia Elétrica da FEI e coordenador do Projeto MEK e Microgravidade.

A professora Adriana Lucarini, Engenheira Química e coordenadora científica do projeto, conta que, em outros países, os estudos em microgravidade estão ajudando os pesquisadores a entender melhor as reações, principalmente na área da biotecnologia, e o mecanismo de cristalização das proteínas. "Você tem uma condição singular, totalmente diferente do que acontece aqui na Terra. Muitos efeitos, principalmente relacionados à transferência de massa e calor, são modificados porque não há, por exemplo, a convecção (transferência de calor pela matéria em movimento)", explica Lucarini.

Minilaboratório - Constituído por um dispositivo mecânico, o projeto MEK acopla câmaras de reação que permitem a mistura de dois líquidos diferentes, por meio de seringas, e circuitos eletrônicos que garantem o acionamento correto dos controles, a monitoração do sistema, a aquisição de dados e o aquecimento dos líquidos à temperatura e tempo desejados.

De volta à Terra, a memória do circuito eletrônico foi resgatada para auxiliar na realização de reações enzimáticas em situação análoga de tempo e temperatura em laboratório, para poder realizar uma análise comparativa. Com o conhecimento científico gerado, a FEI espera contribuir para a otimização dos processos enzimáticos utilizados nas indústrias, com redução dos tempos de reação e quantidade de catalisadores, e aumento de produção. Desde 1998, a FEI realiza pesquisas com diferentes enzimas em ambiente de microgravidade.

Além do MEK, a fim de estudar o comportamento de enzimas em ambiente de microgravidade, já foram feitos quatro experimentos. O primeiro deles, ocorrido em 29 de outubro de 1998, foi levado pelo ônibus espacial norte-americano Discovery (NASA) e avaliou o efeito da ausência da gravidade na hidrólise do óleo de oliva, utilizando a lipase. O segundo, levado pelo foguete brasileiro VS-30 (Missão São Marcos), referia-se a uma nova etapa do projeto de imobilização da lipase com foco no comportamento da água, óleo e tensoativos emulsionados na microgravidade. O terceiro, também levado por um VS-30 (Missão Lençóis Maranhenses), lançado em 6 de fevereiro de 2000, teve a finalidade de estudar a cinética enzimática da invertase com suporte no DMLM, dispositivo de mistura de líquidos em microgravidade, um minilaboratório construído para alcançar o objetivo proposto. Em dezembro de 2002, mais um VS-30 (Operação Cumã) era lançado do CLA - Centro de Lançamentos de Alcântara (MA), transportando um novo experimento da FEI. Lamentavelmente, houve falha no lançamento e os dispositivos a bordo não puderam ser recuperados.

Em 2005, foi aberta a oportunidade para participar da missão russa, quando a Agência Espacial Brasileira (AEB) abriu espaço às universidades já selecionadas pela Agência, por meio do AO (Anúncio de Oportunidade) para pesquisas em microgravidade. Com isso, em pouco menos de seis meses, a FEI desenvolveu o minilaboratório MEK, dentro de fatores limitantes, como peso, tamanho e outros aspectos de segurança exigidos para vôos tripulados. O desenvolvimento do MEK ocorreu através do trabalho cooperativo entre os Departamentos de Engenharia Elétrica, Química e Mecânica do Centro Universitário. □

MICRO-HIDROGERADOR COM TURBINA PELTON DE CERÂMICA

Introdução

Mário Kawano
Professor do Centro
Universitário da FEI e da
PUC-SP
mkawano@fei.edu.br

Neste trabalho mostra-se um projeto bastante prático, que ajuda pessoas de pequenas propriedades a terem mais conforto e se afastarem da exclusão social. Tenta-se transformar a geração de energia elétrica em artesanato, pois se procurou não utilizar máquinas na construção dos elementos do gerador. Abre-se uma linha de pesquisa em novos materiais para construção de pequenas turbinas. Evita-se qualquer degradação ao meio ambiente.

Os moradores de pequenas propriedades rurais nas encostas de morros e montanhas, que não possuem energia elétrica, por estarem afastados das redes de distribuição e não terem condições financeiras para custear uma rede de energia para si, normalmente canalizam com mangueiras a água de nascentes que estão a 30 ou 40 metros de altura em relação às suas residências. O comprimento dessas mangueiras varia de 100 até 800 metros. Devido à diferença de altitude, a pressão da água na parte inferior das mangueiras é muito alta tendo que deixar a água sempre escoando. A solução encontrada pelos residentes dessas regiões é deixar o excesso de água vazar pelo ladrão da caixa. Esta água descartada segue por gravidade para os córregos, da mesma bacia hidrográfica destas nascentes.

Nesse projeto procura-se aproveitar esta infra-estrutura para acionar uma pequena turbina, que por sua vez aciona um gerador de corrente contínua. A turbina foi feita de cerâmica de forma bastante rudimentar para ser reproduzida com grande facilidade por pessoas simples, pois não necessita nenhum investimento para a reprodução. Como é um sistema de baixa potência, muda-se um pouco o conceito de hidroelétricas, pois no caso a geração é feita longe da fonte de energia hidráulica. Nos dias de hoje uma pequena potência gerada é capaz de fornecer iluminação residencial com lâmpadas PL, além de se poder ouvir rádio e assistir à televisão.

Neste trabalho procura-se relatar a escolha do beneficiário, o processo da construção da turbina, os

testes em laboratório, finalmente a implantação do primeiro projeto, o histórico de outros projetos semelhantes concluídos em 2005 e finalmente comenta-se a recuperação de uma microusina desativada há alguns anos.

Beneficiário

O Sr. Antonio Ferreira de Oliveira, que mora em um sítio de fácil acesso, afastado da rede de energia elétrica foi o primeiro beneficiário. O sítio fica no Guaraú, bairro de Peruíbe-SP. A figura 1 mostra a casa deste senhor.



Figura 1 - Casa do Sr. Antônio

Construção da Turbina

A turbina é que extraia a energia da água, convertendo-a em energia mecânica. A turbina Pelton foi escolhida por se adequar a essa queda, além de necessitar de pouca vazão.

Observando-se os desenhos das conchas de uma turbina Pelton nota-se uma grande semelhança com ovos de codorna.



Figura 2 - Molde de massa plástica em duas partes e modelo de gesso

O primeiro passo foi a construção do modelo, com dois ovos em gesso em processo de endurecimento, como pode ser visto pela figura 2. Após a cura do gesso, os ovos foram retirados e o restante da concha foi desbastada. O modelo foi tornado perfeitamente liso e assim foi possível fazer o molde com massa plástica, como pode ser visto na figura 2. Para cada concha moldada o molde era encerado com cera desmolhante. As conchas ficaram ao sol por uma semana a fim de secar completamente. A primeira queima foi feita a 1000 graus Celsius. À temperatura ambiente, as conchas são pintadas com tinta para cerâmica e finalmente recozidas pela última vez a 980 graus Celsius. Uma vez definido o diâmetro da turbina, para-fusam-se as conchas no disco, que pode ser uma roda plástica de carrinho ou de bicicleta. [MACINTYRE, 1983].

Simulando a vazão e a queda d'água em nosso laboratório de mecânica dos fluidos, conseguiu-se um rendimento máximo de 65%. Fugindo um pouco das condições ideais, o rendimento sempre foi superior a 55%. A figura 3 mostra o conjunto ensaiado.



Figura 3 – Ensaio do Conjunto Gerador

Instalação

A instalação foi um sucesso, mas mal as lâmpadas se acenderam, houve o primeiro rompimento da mangueira, pois para o gerador a pressão é maior que a atmosfera. Após diversos consertos foram trocados os 200 metros finais da mangueira. Nesta parte usamos abraçadeiras e conectores existentes no mercado. O método usado pelos moradores da região não funciona, pois eles usam câmara de pneus para tapar furos e fazer emendas. A figura 4 mostra uma luminária acesa pela primeira vez na casa do nosso beneficiário.



Figura 4 - Luminária de PL de nove Watts na casa do Sr. Antônio

Outras Instalações

Objetivando uma oportunidade prática para os alunos de engenharia elétrica da PUC-SP e da FEI, foi introduzido no quarto ano de engenharia elétrica da PUC como trabalho extraclasses e na FEI, como trabalho voluntário. São formados grupos de 5 a 7 alunos a fim de ratearem a despesa da instalação, pois a maioria desses pequenos proprietários mal consegue sobreviver de seu trabalho. Com auxílio de informações na região dessas propriedades ou utilizando-se o software Google Earth são localizadas as casas sem energia elétrica. Utilizando-se um GPS são levantadas as coordenadas da casa e da água que abastece a residência. É feita a medida da vazão da água a uma altura de 30 a 40m em relação a casa e esses dados são conferidos com as fotos do satélite.

O projeto é feito levantando-se a quantidade de energia da água com a finalidade de escolher o diâmetro ideal da turbina e a quantidade de luminárias a serem instaladas. Uma bateria é usada para o armazenamento do excesso de energia a fim de suprir o horário de pico.

Os alunos constroem a turbina, usam o mesmo tipo de gerador utilizado na primeira instalação, instalam um



Figura 5 - Travessia do Rio Betari

nobreak para que toda instalação seja em 115 Volts, que torna fácil a reposição das luminárias assim como facilita a utilização de eletrodomésticos.

No final de 2005 mais oito famílias foram beneficiadas com esse sistema: Quatro na rodovia Rio-Santos, três na Piaçaguera-Guarujá e uma no Vale do Ribeira. A dificuldade nesta localidade foi muito grande, não havia estrada até as casas. Todo material bruto foi transportado em lombo de mula, como pode ser visto na figura 5. Os alunos, os moradores e o professor levaram os materiais frágeis e os utensílios pessoais em pesadas mochilas.

Atualmente a FEI está recuperando uma turbina de microusina pertencente a um morador carente em um sítio próximo ao pedágio da Piaçaguera-Guarujá. É um trabalho envolvendo professores da Metalurgia e da Mecânica, pois esta turbina estava com várias conchas quebradas e necessitou um trabalho de modelagem e de fundição.

A figura 6 mostra os alunos desmontando a máquina, a fim de transportá-la para a FEI.



Figura 6 - Desmonte da turbina

A figura 7 mostra o Sr. Antônio do Guaraú ajudando a reinstalar a turbina recuperada.



Figura 7 - Instalação da turbina

Conclusão

Apesar de ser uma potência bastante pequena, o sistema gera mensalmente pouco mais que trinta kWh, que é o consumo das residências dessas pessoas humildes. O grande sonho de nossos beneficiários é ter uma geladeira elétrica, mas isso só é possível com o uso de um nobreak especial para portão e uma elevação na potência do gerador, aumentando-se o diâmetro da canalização ou instalando uma nova mangueira com mais um bocal. O chuveiro também está fora deste sistema, mas pode-se instalar um aquecedor solar social [KAWANO 2004].

As turbinas de cerâmica devem ser mais bem estudadas, pois transformam uma tecnologia sofisticada em artesanato.

O Centro Universitário da FEI nos disponibilizou o Laboratório de Mecânica dos Fluidos. A Pontifícia Universidade Católica nos cedeu os fornos para a queima das cerâmicas. A Kanaflex fez a doação das mangueiras. □

Referências

- [1] MACINTYRE, A.J. *Máquinas motrizes hidráulicas*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1983.
- [2] KAWANO, Mário. *Aquecedor Solar Social - I Simpósio Internacional de Ciências Integradas da Unaerp Campus do Guarujá, S.P.*, 2004.

IPEI
Instituto de Pesquisas e Estudos Industriais

ANÁLISES

- Químicas
- Combustíveis e Lubrificantes
- Metalográficas

CALIBRAÇÕES

- Acústica
- Dimensional
- Elétrica
- Força

ENSAIOS

- Mecânicos
- Elétricos
- Balanceamento dinâmico de rotores
- Usabilidade

P&D

- Pesquisa e Desenvolvimento em Tecnologia da Informação e Engenharias Elétrica, Mecânica, Materiais, Química e Têxtil

CONSULTORIA EMPRESARIAL

SOLICITE A VISITA DE NOSSOS REPRESENTANTES

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972
B. Assunção – 09850-901 – S.B.Campo – SP
Tel: (11) 4353-2908 / Fax: (11) 4109-0999
www.ipei.com.br – info_ipei@ipei.com.br

PROJETOS DE FORMATURA

**Deslocamento da cadeira de rodas com deficiente na posição vertical**

Um projeto interessante e digno de registro refere-se a um sistema de levantamento elaborado por um grupo de formandos da Engenharia Mecânica da FEI e apresentado durante a ExpoMecPlena, em 23 de junho de 2006.

O sistema foi especialmente idealizado para ser aplicado em cadeiras de rodas motorizadas e oferece ao usuário a opção de poder ficar em posição ereta, facilitando sua movimentação. Deve-se salientar que apenas cadeiras importadas dispõem desse aprimoramento, com um custo de aproximadamente R\$ 70 mil e cerca de 170 kg de peso total. O projeto sugerido, além de reduzir o peso da cadeira para 98 kg, custa cerca de R\$ 14 mil.

A cadeira motorizada com os sistemas criados pelos estudantes suporta uma pessoa de até 130 kg e com 1,80 m de altura.

Sistema de orientação para deficientes visuais

Identificar cores e obstáculos pode deixar de ser um problema para os deficientes visuais. Com o aparelho nas mãos, o deficiente poderá saber a cor da roupa que deseja usar por meio de um fone de ouvido; ou se estiver próximo a um obstáculo, poderá evitá-lo, pois irá receber um aviso sonoro.

Apelidado de “bengala eletrônica”, o sistema é composto por um microcontrolador central colocado na cintura do usuário e por sensores capazes de receber e enviar informações. O microcontrolador interpreta e analisa os dados dos sensores e, através de orientação auditiva, transmite informações ao deficiente.

Para identificar cores são emitidas reproduções de mensagens gravadas e para detectar obstáculos próximos, sinais sonoros de diferentes freqüências.

O equipamento funciona com baterias descarregáveis, favorecendo a mobilidade do usuário.



FUTEBOL DE ROBÔS



FEI é bicampeã na categoria Very Small

Sob a supervisão dos professores Flávio Tonidandel (Ciência da Computação) e Reinaldo Bianchi (Engenharia Elétrica), alunos da FEI mostraram mais uma vez que seus robôs são de alta performance.

A mesma equipe, campeã de 2004 (FEI_Y04), reformulou o software de estratégia, aprimorou alguns itens e, com isso, saiu vitoriosa nesta competição universitária com seis equipes inscritas: UFRN, FEI_Y04, FEI 2006, UNESP1, UNESP2 e Mauá.

As competições, uma ação conjunta da SBC, SBA, IEEE e Robocup, têm a finalidade de divulgar e promover projetos que envolvem tecnologias de ponta e estimulam a criatividade e o talento dos participantes. □



DESAFIO SEBRAE 2005, SP: ALUNOS DA FEI FICAM EM 3º LUGAR



Criado com a finalidade de estimular o espírito empreendedor dos universitários e difundir os conceitos de competitividade, ética e associativismo, o Desafio Sebrae, em sua 5ª edição, reuniu estudantes de mais de 1200 instituições de ensino superior do País.

Rafael de Marchi Delcole, Rafael de Sousa Alvarenga e Valter Dada Júnior, alunos da Engenharia de Produção, competindo com mais de 10.000 inscritos, conquistaram o 3º lugar nesta competição – um jogo que transforma o universitário em empreendedor.

Nossos alunos administraram uma empresa virtual de cultivo de flores como se fosse real. Eles tiveram de analisar e controlar as finanças, RH, aquisição de matérias-primas, marketing, etc.

Os resultados obtidos foram muito expressivos e merecem citação. □

PRÊMIOS E PROJETOS BEM- SUCEDIDOS

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

FEI VENCE COMPETIÇÃO DE EFICIÊNCIA ENERGÉTICA COM CARRO ELÉTRICO

Além de atingir a melhor marca na categoria “elétrico” com o FEI X-17 durante a Maratona da Eficiência Energética realizada em Indaiatuba, SP, os carros a gasolina dos estudantes do Centro Universitário da FEI foram considerados os dois melhores no quesito Projeto de Engenharia.

Após percorrer 29,2 km, o Carro Elétrico FEI X-17, projetado e construído por estudantes dos cursos de Engenharia Mecânica Automobilística e Engenharia Elétrica, atingiu 135 km por quilowatt-hora e venceu na categoria “elétrico”, a Maratona de Eficiência Energética, que terminou dia 29 de junho de 2006 em Indaiatuba, São Paulo. Durante a prova, o carro utilizou três baterias de 72 watts-hora de potência (cada uma). Com o resultado, a FEI sagra-se a primeira campeã da categoria no Brasil e deixa registrada a marca que deve ser superada nos próximos anos.

Das 24 equipes inscritas, participaram 20, sendo 12 na categoria “gasolina” e 8 equipes na categoria “elétrico”. Na categoria “gasolina”, a campeã foi a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que atingiu 598 km com um litro de gasolina.

Além de conquistar a primeira colocação na categoria “elétrico”, o Centro Universitário da FEI obteve, na categoria “gasolina”, o título de Melhor Projeto de Engenharia, com o FEI X-18, e também o segundo lugar neste item, com o FEI X-16. Ainda pela categoria “elétrico”, o FEI X-17 foi considerado o segundo Melhor Projeto da categoria.

O campeão FEI X-17 tem construção do tipo monobloco, na qual até o banco do piloto faz parte da estrutura do veículo. Com 33 kg, o carro foi totalmente construído em resina epóxi e reforçado com fibra e carbono, materiais que o tornam mais leve e resistente. Com o design inédito, o carro utiliza motor padrão de 400w de potência.□



ALUNO DA FEI DESTACA-SE EM CONCURSO DE REDAÇÃO

Anderson Araújo Bressan, aluno da Engenharia do Centro Universitário da FEI, um dos participantes do Concurso de Redação para Universitários sobre Educação, teve seu trabalho "Educação: o vôo da humanidade", transrito abaixo, incluído entre os 100 melhores de um conjunto de 51.253 concorrentes e publicado no livro Educação: importante ou prioritária?, Ed. Folha Dirigida, 2006.

Promovido pelo jornal Folha Dirigida e pela UNESCO Brasil, com o apoio do Ministério da Educação, o concurso é de abrangência nacional e seu objetivo é fomentar reflexões acerca de temas universitários relevantes.



Educação: o vôo da humanidade

O sonho do ser humano sempre foi poder voar. A cada sonho, milhares de idéias fluíam pela mente de cada sonhador; infinitos desejos assemelhavam-se ao poder da vida e ao mesmo tempo conflitavam com a natureza humana... Um dilema. Enfim, depois de muitíssimos esforços, finalmente, o desafio foi vencido: deram-se asas ao eterno sonhador e este não mais deslumbrava, mas sim, sentia a sensação da vitória e da brisa sobre sua face... E assim vive cada pessoa humana: as suas vontades e desafios são intrínsecas,

praticamente imutáveis. Por mais tempo que passe, independente da cultura, credo, religião, enfim, qualquer fator externo inerente ao ser, terá forte tendência ao desenvolvimento. Sim, eis a definição da necessidade humana mais elementar: educação.

Ser importante e ser prioritária. É este o desafio de educadores, pais, do Estado e de toda a sociedade: aliar a importância de desenvolver os seus cidadãos e ao mesmo tempo fazer com que este desenvolvimento seja espontâneo, natural. Educar é mais do que prover estudo básico e escolas: é poder tornar a sua sociedade crítica o suficiente para avaliar a sua própria vida e a vida de seu meio. É poder prover ensino de qualidade e fazer com que este seja plenamente usufruído. É conscientizar os seus cidadãos de que o conhecimento é a arma mais forte e poderosa que a sociedade detém. É dar oportunidade aos homens, mulheres e crianças para que todos estes possam agregar valor ao seu meio e aos meios vizinhos. Isso é educar: compartilhar conhecimento, prover desenvolvimento.

Enquanto o vôo não acontece, preparar a sua tripulação para a importância da educação é priorizar a sua difusão pelos mais diversos meios. Talvez o homem esteja mais acostumado ao formalismo do banco escolar. É mais uma vez o cartesianismo sendo imposto como um paradigma. Sabe-se fortemente que esse não é mais o único meio de tornar acessível o conhecimento. Desde a criança que acessa a Internet até a senhorinha que lê o seu vistoso livro de histórias ou desde a mais simples leitura de uma pequenina mensagem até a construção das mais complexas composições: estar capacitado para dar o primeiro passo ou ainda fazer com que o seu meio esteja preparado para o primeiro passo é essencial. Chega a ser difícil em conceber a idéia de que ainda hoje, século XXI, existem pessoas que simplesmente angustiam-se por não saber ler, muito menos escrever. Desde a cartinha de um "eu te amo" até a mensagem dizendo

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS



Anderson de Araújo Bressan

PRÊMIOS E PROJETOS BEM-SUCEDIDOS

que “estou bem” passam despercebidas por aqueles que nem imaginam o valor que essas pequenas coisas possuem. Para muitos parece algo sem nenhuma importância. Para outros é algo tão importante quanto poder viver, é poder expressar-se e dizer que é alguém nesta vida. É a necessidade de se comunicar com o mundo, dizer que faz a diferença, mostrar que existe. Isso é educação: é poder dar vida e asas à mente, saber distribuir e espalhar conhecimento.

E tanto se fala em crescer, crescer, crescer... Crescer é uma palavra que soa óbvia na cabeça de qualquer um. Crescer não é apenas ter viadutos, mas sim ter engenheiros pensando em melhores meios de prover facilidades às nossas vidas. Crescer não é somente ter outdoors espalhados pela cidade: é ter conhecedores do Direito atentos na defesa da pessoa humana. Crescer não é espalhar-se, mas sim desenvolver a si mesmo e ao próximo, desenvolver a criança em sua alfabetização assim como o trabalhador que não teve oportunidade de estudar, difundir a leitura pelos infinitos cantos e lugares do mundo, promover o senso crítico, criar meios e maneiras de ensinar o que se sabe de bom, promover a auto-realização das pessoas.

E o tempo vai passando. Não passa só para aquele que se graduou nas mais renomadas instituições do mundo, passa também para o menino e à menina que trabalha para sustentar a família, passa também para aquele ou aquela que sonhou a vida inteira em escrever do próprio punho para os pais, passa inclusive para aqueles que nunca se deram conta que poderiam ser diferentes ou melhores. Se a primeira sementinha não for plantada, de nada adiantará o solo arado... Tanto esforço em vão.

Se a educação não for prioridade em nossas vidas, de nada adiantará ter asas, de nada adiantará ter espaço: não se saberá voar, não se conseguirá viver. Eis o desafio: ele já está lançado. Cabe a nós conquistá-lo.□

campus SBC:
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 3972 - Assunção - 09850-901 - SBCamp - SP

campus Liberdade:
Rua Tamandaré, 688 - Liberdade - 01525-000 - São Paulo - SP

Pós-graduação Lato sensu

ENGENHARIA E ADMINISTRAÇÃO

Cursos oferecidos em nossos campi ou "In Company"

Administração Geral • Administração Financeira • Administração de Empresas para Engenheiros • Administração de Produção • Administração e Tecnologia Automotiva • Automação Industrial e Sistemas de Controle • Mecatrônica • Controladoria e Auditoria • Engenharia de Segurança do Trabalho • Estratégias para a Qualidade e a Competitividade • Gerenciamento da Manutenção • Gestão Ambiental Empresarial • Gestão de Comércio Exterior • Gestão Empresarial • Gestão Estratégica da Tecnologia de Informação • Gestão de Recursos Humanos • Gestão e Tecnologia em Projeto de Produto • Logística • Marketing • Mecânica Automobilística • Metalurgia com ênfase em Siderurgia • Processos e Produtos Têxteis • Refrigeração e Ar-condicionado

Tel. 11-4353.2909 / 11-3207.6800
www.fei.edu.br / iecat@fei.edu.br

Prof. Paulo Renato Campos Alt (1942-2006)

O Prof. Paulo Alt ocupou um importante espaço na FEI. Presente, participante, ativo. Soube aliar exigência com dedicação: aos alunos, ao Departamento, à escola. Um grande educador. Não faltou o reconhecimento de seus alunos que todo ano o convidavam para professor homenageado ou

paraninfo. Autor de livros, colaborou em nossas revistas com artigos didáticos e atuais.

O Prof. Paulo Alt foi um dos fundadores do curso de Engenharia de Produção, para o qual trouxe a sua experiência e seus aprofundados conhecimentos na área.



Caros alunos:

Vocês me deram o melhor dos presentes ao me convidar para esta cerimônia, pois me fizeram lembrar o momento em que, há 37 anos, aceitei o desafio de ajudar a FEI a transformar engenheiros operacionais da época, com três anos de curso, em engenheiros de produção.

Era uma perspectiva nova: dar aulas à noite para profissionais

que trabalhavam com engenharia durante o dia!

E como foi gratificante: geramos gerentes de fábricas, presidentes de empresas, diretores de bancos, professores, mestres e doutores, todos eles com a característica de acompanharem sempre o dia-a-dia das empresas com que se envolveram.

Não se isolando no alto, mas vivendo de perto a operação.

Uma geração de homens de ação com sonhos, e não de sonhadores sem ação.

Com vocês, pudemos retomar em grande parte esta tarefa.

Hoje, durante a noite, em cada aula, em cada bronca, em cada elogio, sentimos a diferença que representa a vivência do mundo das empresas na visão situacional do aluno.

A situação de quem trabalha é muito diferente da de quem só estagia.

Temos certeza que vocês serão gerentes, diretores, alguns com títulos de mestres e/ou doutores, pois a vários eu fiz ver que isto seria possível, e a alguns eu intimei para que o façam, mas sempre com o espírito dedicado à tarefa de usar o conhecimento para aquilo que seja de real proveito para si, para a empresa e para o País.

Vivam na terra, e não nas nuvens!

Levem desta instituição, que tanto se preocupa com uma adequada formação social, pelo menos três lembranças:

1. *Tenham e transmitam esperança, jamais ilusão...*

2. *Enfrentem e exijam que os outros enfrentem desafios;*

3. *Ao lidar com pessoas, andem na frente, liderando, ao lado, acompanhando, mas jamais pisando sobre elas para atingir seus objetivos.*

Felicidades, coragem e amor, para que haja paz!

Paulo Alt
(Discurso proferido como
paraninfo em julho de 2005)



Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006)

No dia 27 de agosto de 2006 faleceu em São Paulo Dom Luciano Mendes de Almeida, após prolongada enfermidade.

Ele conheceu a FEI. Participou conosco de duas "Semanas da Qualidade", no

1º semestre de 1999 e no 2º semestre de 2004. Suas palestras eram o ponto alto dessas semanas, apreciadíssimas, pela clareza de exposição, oportunidade dos assuntos abordados e pela simpatia que sabia irradiar como ninguém. Em épocas mais remotas chegou a dar aulas e conferências no curso de engenharia e, por breve tempo, foi chefe do Departamento de Ciências Sociais e Humanidades. Alguns dos atuais docentes, então alunos, lembram-se de suas aulas.

Dom Luciano foi uma figura de expressão nacional e também internacional. Tinha amigos em todo o mundo. Secretário Geral e Presidente da CNBB, esteve à frente de numerosas iniciativas não só no âmbito religioso e eclesiástico, como também no campo social em favor dos pobres e carentes. Personalidade de vulto da Igreja Católica, seu zelo foi muito além dos católicos: abrangeu todos os brasileiros e gente sofrida do mundo todo, independentemente de credo e raça. Morreu como Arcebispo de Mariana.

Seu último pronunciamento é um artigo em jornal de circulação nacional(*), onde fala das duas expressões mais fortes da fraternidade: *a partilha e o perdão*. Bela síntese de sua santa vida. Vale a pena reler:

"Por partilha entendemos a capacidade de dividir com os outros o que de Deus recebemos. É

preciso, assim, partilhar não só o alimento cotidiano mas também tudo o que somos e temos. Os jovens cristãos são chamados a dar testemunho de vida solidária e feliz pela comunhão de bens para marcar a superação do egoísmo e revelar a força de Cristo em nosso meio.

A outra atitude que expressa de modo claro e forte a nossa intenção de servir a Deus na vida de discípulos e discípulas de Jesus é o exercício do perdão evangélico. É o que mais falta na sociedade. Quem crê recebe uma força especial para amar e perdoar.

Eis aí o testemunho de amor mais forte que os jovens podem dar ao mundo de hoje: pagar o mal com o bem. É essa atitude de amor maior, capaz de vencer o ódio e a vingança e de promover a reconciliação e a concórdia, que há de caracterizar a vida dos jovens cristãos, chamados a alegrar cada dia o mundo com a beleza da confiança, da partilha e do perdão de Cristo".

Sentiremos muito a sua ausência; ele era alguém que fazia a diferença. Por outro lado, agradecemos a Deus a graça de tê-lo tido como amigo. Junto ao Pai teremos agora valioso intercessor.

Oração deixada por D. Luciano

Senhor Jesus, não vos pedimos que nos livreis das provações, mas que nos concedais a força do Vosso Espírito para superá-las em bem da Igreja.

A certeza do vosso amor nos renova a cada dia.

A alegria de servir aos irmãos é nossa melhor recompensa.

Ensina-nos a exemplo de nossa Mãe, a repetir sempre Sim no cumprimento da vontade do Pai.

Amém!



Prof. José
Antonio Viotti
(1953-2006)

O Prof. Viotti fazia parte de nossos quadros desde 1990. Faleceu em consequência de um infarto fulminante em março de 2006. Nada fazia prever este fim tão inesperado. O Prof. Viotti, sempre animado, simpático, extrovertido, querido dos alunos deixa marca profunda na memória de todos nós. Paz à sua alma.



Profª Maria
Stella Thomazi
(1937-2006)

A Profª Maria Stella durante muitos anos foi responsável pela disciplina Relações Públicas nos cursos de Administração. Destacou-se sobremaneira na área, através de publicações e participação nas entidades e eventos, chegando a presidir a Associação Brasileira de Relações Públicas.

No exercício do magistério e no convívio com os professores granjeou muitas amizades e deixa inesquecíveis recordações por sua simpatia pessoal e dedicação profissional.



NA LUZ DA
ETERNIDADE

**Fizemos o que
muitos alunos
já pensaram
em fazer:
mandar a escola
para o espaço.**

FEI. Uma das únicas instituições
com experimento científico na
Estação Espacial Internacional



Centro Universitário da FEI

VISITA DO PE. PROVINCIAL



A FEI está incluída entre as muitas obras sob responsabilidade da Companhia de Jesus, na Província do Brasil Centro-Leste.

É o provincial jesuíta quem nomeia o Presidente da Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros, de uma lista de três nomes apresentados pelo Conselho de Curadores.

O atual provincial Pe. Alfonso Carlos Palácio Larrauri, S.J., está no cargo há pouco mais de um ano e realizou a visita que todo o provincial faz a estas obras. Esteve conosco nos dias 21 e 22 de agosto passado. Dia 21 esteve na sede da Fundação e no *campus* Liberdade. No dia 22 foi a vez do *campus* São Bernardo do Campo. Celebrou missa, fez uma palestra, almoçou conosco, visitou instalações, laboratórios, oficinas, conheceu projetos mas, sobretudo, conheceu pessoas: diretores, professores, funcionários, alunos. Ele disse textualmente

que das coisas que mais o impactaram foi o espírito de entusiasmo e dedicação das pessoas que animam esta instituição.

Esta observação deixa-nos, a todos, muito incentivados a prosseguir na caminhada e nos ideais a que nos propomos.

Venha mais vezes, Pe. Palácio!

Alguns excertos da palestra e debates com o Pe. Palácio

"O Centro Universitário pretende apresentar, não só para docentes e discentes, mas também para a sociedade, uma proposta de verdadeira educação. Não se trata de estabelecer critérios estritamente confessionais. Numa sociedade pluralista, como justificar a presença de uma instituição como a nossa? Gostaríamos de transmitir a raiz de uma visão do mundo, do ser humano e da sociedade. Esta raiz é a pessoa, a vida e a história de Jesus Cristo. Mas isto não significa que os valores que daí advêm não possam ser partilhados e assumidos por muitas outras pessoas que também convivem com estes valores, embora possam ter modos diferentes de pensar. Eu creio que é muito importante, não só na sociedade, mas de modo particular no âmbito acadêmico, que a gente saiba construir juntos a partir de perspectivas diferentes. A diferença não enfraquece, antes fortalece nossa identidade. Aceitar a diversidade é cultivar a abertura, a diferença com o outro é que pode nos fazer crescer. É com este espírito que nossa instituição poderá cada vez mais manifestar à sociedade a que ela veio.

É uma exigência de nossos dias que a universidade esteja voltada para os problemas reais da pessoa humana e da sociedade e para isto empenhar-se de todas as formas possíveis no ensino, na pesquisa e na extensão. É esta característica que deve animar, inspirar e ajudar na busca deste objetivo comum: o serviço ao

ser humano, à sociedade e à comunidade. Pude sentir nestes momentos que aqui passei que existe este espírito motivando a instituição.

Hoje mais do que nunca, a função dos educadores é decisiva e fundamental na sociedade para podermos criar um futuro com sentido. Sim, com sentido.

A sociedade precisa de verdadeiros educadores. Educadores que não sejam simplesmente transmissores de conhecimento, mas também pessoas que, além de estudiosos e profissionais, saibam apresentar-se como seres humanos, saibam transmitir valores que dão sentido às próprias vidas. Sejam capazes de contagiar os jovens com essa experiência, com esse testemunho. É disto que o mundo atual e a sociedade contemporânea mais necessitam.

Creio que o Centro Universitário da FEI está altamente qualificado para fazer isso, pode apresentar não só a sua competência, da qual, aliás, já deu prova ao longo de sua existência, como também oferecer à sociedade uma visão de compreensão de vida, capaz de devolver esperança e ânimo para uma juventude que muitas vezes está completamente desorientada por não ter referências de vida.

Dou-lhes os parabéns por constituir este corpo unido no trabalho para que esta proposta possa tornar-se cada vez mais verdadeira e concreta nas diversas áreas e cursos do Centro Universitário.

Gostaria de concluir dizendo que esta descoberta foi muito gratificante. Como Jesuíta sabia da FEI por ouvir dizer e algumas notícias. Agora a conheço a partir de pessoas concretas. De pessoas que seguem um ideal. Os senhores e as senhoras nesta obra fazem parte do conjunto maior de um corpo apostólico da nossa província desta região do Brasil na qual os jesuítas estamos empenhados em servir as pessoas de formas muito diversificadas mas com um mesmo objetivo e finalidade, inspirados na mesma experiência comum". □

VISITA DO PROVINCIAL



VISITA DO PROVINCIAL



PROVÍNCIA DO BRASIL CENTRO-LESTE - COMPAHIA DE JESUS
Rua Bandeira, 115 - Botafogo - 22251-060 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel: (21) 2266-8692 - 2539-1622 - Fax: (21) 2266-7748
jesuit@provinciale.com.br www.jesuifasrc.org.br

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 2006
06/190/p

Assunto: Visita à Fundação Educacional Inaciana "Pe. Sabóia de Medeiros"

R.P. Theodoro P. Severino Peters, S.J.
Rua Vergueiro, 165
SÃO PAULO, SP
01504-001

Caro Pe. Peters,

Nos dias 21 e 22 de agosto p.p. tive a oportunidade de entrar em contato, pela primeira vez, com a Diretoria Executiva e Assessorias da Administração Central, o Reitor e Vice-Reitores da UNIFEI, e de visitar o campus São Paulo e o de São Bernardo. Desejo, por meio desta, manifestar-lhe, na sua qualidade de Presidente da Diretoria Executiva, as minhas impressões para que oportunamente as transmita a todos em meu nome.

Fomos dois dias intensos – embora insuficientes para conhecer a complexidade da obra – que me deixaram profundamente encantado com o que vi: a competência das pessoas, o espírito que anima todos os que trabalham na Fundação, assim como o conjunto de inatuições que compõem atualmente o Centro Universitário da FEI. Sem nenhuma pretensão de dizer tudo, e com o risco de esquecer algo importante, gostaria, contudo, de ressaltar alguns aspectos que mais me impressionaram.

Em primeiro lugar a seriedade e competência do Conselho de Curadores e da Diretoria Executiva que com tanto esmero se dedicam, nos quatro reuniões anuais, à guarda e conservação da FEI, tanto nos seus aspectos administrativos como nos seus objetivos institucionais. Creio poder afirmar que o bom estado da FEI, em todos os seus aspectos, se deve em grande parte ao carinho e dedicação com que estas pessoas sacrificam parte do seu tempo para entregarem-se generosamente a essa missão.

O segundo aspecto é a inegável qualidade acadêmica do Centro Universitário da FEI, organizado nessa modalidade a partir de dezembro de 2001, mas cujo prestígio foi sendo construído ao longo de uma história de 60 anos, com tenacidade e muito idealismo. O nome e o prestígio de que hoje goza a FEI são o resultado do empenho de todos aqueles que acreditaram no sonho visionário do Pe. Sabóia de Medeiros e levaram adiante a sua obra pioneira. Não só dos jesuítas que por aqui passaram, mas sobretudo de tantos leigos – homens e mulheres – sem os quais esse sonho teria sido impossível. É mais do que justo deixar aqui o meu reconhecimento a todos eles e de modo especial à atual Diretoria Acadêmica – Reitores e Vice-Reitores – aos quais cabe, neste momento, levar adiante a chama desta projeto de educação não só profissional, mas humana e cristã.

E por fim, mas não menos importante, chamou profundamente a minha atenção o espírito que anima e inspira a Fundação no seu conjunto. É raro encontrar numa instituição acadêmica o entusiasmo e a identificação com uma causa que pode desbordar na FEI. Esse espírito é perceptível em todos os níveis e em todas as pessoas com as quais lixe a alegria de entrar em contato: Diretores, professores, funcionários, etc. Há uma espécie de mistica que permeia tudo, anima as pessoas e faz com que todos se identifiquem com uma causa que qual acreditam, pela qual lutam e a serviço da qual gastam a vida. Essa é talvez uma das maiores riquezas que a FEI possui e não deve perder.

Como responsável provincial da Companhia de Jesus nesta região fico comovido no ver um grupo de leigos que acreditaram e continuam a acreditar na chama da espiritualidade inaciana que está na origem desta instituição como consta explicitamente dos seus Estatutos. Quero felicitar a todos e a cada um em particular por ter constatado que essa "vinculação" não se reduz a uma referência puramente formal, mas é um verdadeiro espírito a ser mantido. Agradeço-lhes de coração por continuarem a acreditar que essa vinculação pode constituir uma diferença qualitativa da FEI no meio de tantas proposições que proliferam hoje no mundo acadêmico e profissional. O mérito, em grande parte, é e foi sempre dos leigos, pois é preciso reconhecer que a Companhia teve sempre uma presença discreta e reduzida, embora com pessoas cuja dedicação e competência deixaram marcas indeléveis. Posso assegurar-lhes – apesar da precariedade de recursos humanos jesuíticos para a multiplicidade das nossas obras apostólicas – que é meu desejo, como Provincial, estreitar mais os laços da Companhia com a FEI. Por uma questão de justiça: honrar e retribuir a dedicação daqueles e aquelas que até hoje levam adiante esta obra. Mas também por acreditar no que esta Fundação representa e pode vir a ser dentro do conjunto das nossas instituições de ensino superior.

Com apreço e amizade despeço-me de todos

Atenciosamente

P. Carlos Palácio, S.J.
Provincial

São Paulo, 12 de Setembro de 2006.

Prezado Pe. Palácio

Paz e alegria!

Acuso a recepção da correspondência 06/190/p, de 08 p.p., comentando sua visita à FEI e ao Centro Universitário.

Sua presença, atitude, testemunho e palavra fizeram um bem imenso a todos que participam da criação, renovação e reinvenção da obra iniciada pelo Pe. Roberto Sabóia de Medeiros. Todos se sentiram parte de uma missão, colaboradores em algo que ultrapassa a dedicação e consagração pessoais. Cresceu a auto-estima e a vontade de dedicarem-se àquilo que lhes é atribuído, a vontade de ajudar e a sensação de sentirem-se acolhidos, estimados, levados em consideração, ou seja, "importantes" para a continuidade e a evolução de qualidade buscada.

Ontem a carta foi apresentada na reunião da Diretoria Executiva, onde houve unanimidade otimista. Cada um expressou a própria percepção e a Vice-reitora, Dra. Rivana, relatou testemunhos de funcionários e docentes expressando que agora entenderam o significado da importância dos encargos recebidos.

Hoje, no Conselho de Curadores, todos receberam cópia da mesma e reagiram muito positivamente à sua presença participativa e comunicativa na última reunião, e à sua percepção da realidade e o reconhecimento pelo trabalho realizado, manifestada no primoroso texto de sua carta, que convida à reflexão sobre a extraordinária excepcionalidade do momento em que vivemos e a alegria de mostrar a Missão da Companhia de Jesus realizada nesta obra.

Também o Reitor levará sua carta ao conhecimento da Comunidade Universitária. Relato o que tenho ouvido: houve confirmação na missão recebida por parte do Provincial e, com simplicidade, afirmo que sua missão foi igualmente confirmada pela acolhida de todos e pela intelecção de que nossa presença é parte da Igreja e da Companhia, em sintonia e diálogo com a cultura e a ciência moderna neste Estado de São Paulo.

Receba meu reconhecimento pessoal e institucional pelo Bem partilhado nestes dois dias de visita.

Confirme a vontade de ajudar e apoiar institucionalmente a Missão da Companhia a todos confiada e partilhada.

Fraternal e respeitosamente, em Cristo Jesus.

Pe. Theodoro Peters, S.J.
Presidente da FEI

Campus SBC

Av. Humberto de A. Castelo Branco, 3972 – CEP 09850-901
B. Assunção – São Bernardo do Campo – SP
Tel.: (11) 4353.2900 – Fax: (11) 4109.5994

Campus Liberdade

Rua Tamandaré, 688 – CEP 01525-000 – Liberdade – SP
Tel./Fax: (11) 3207.6800

www.fei.edu.br / info_fei@fei.edu.br